



Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de História

Lucas Barbosa Leite

**A “praga” do profissionalismo no futebol:
o mito da democracia racial e o racismo velado na
imprensa esportiva carioca no ano de 1933**

Brasília, dezembro de 2019



Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de História

Lucas Barbosa Leite

**A “praga” do profissionalismo no futebol:
o mito da democracia racial e o racismo velado na
imprensa esportiva carioca no ano de 1933**

Orientadora: Profa. Dra. Ana Flávia Magalhães Pinto

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado/bacharel em História.

Brasília, dezembro de 2019

**A “praga” do profissionalismo no futebol:
o mito da democracia racial e o racismo velado na imprensa esportiva
carioca no ano de 1933**

Banca Examinadora

Profa. Dra. Ana Flávia Magalhães Pinto – PPGHIS/UnB
(Orientadora)

Prof. Dr. Matheus Gamba Torres – PPGHIS/UnB
(Membro)

Prof. Ms. Guilherme Oliveira Lemos – IFB e UnB
(Membro)

AGRADECIMENTOS

Um TCC é mais do que um simples trabalho. Ele simboliza toda uma trajetória que não se limita à pesquisa e muito menos ao ambiente acadêmico e à universidade. Por isso meu agradecimento, que vai além dessa pesquisa, é direcionado a todos que estiveram comigo nessa caminhada.

Primeiramente à minha família. Mãe, pai, Vitor, Paula e Keisha. Serei eternamente grato por todo o esforço de vocês por tornar esse sonho possível. Essa é apenas uma parte do meu agradecimento a vocês. Dedicarei a minha vida para retribuir o que vocês me proporcionaram. Isso é só o começo! O tanto que eu amo vocês não cabe nas palavras: Muito obrigado!

Aos meus amigos de UnB, que se tornaram verdadeiros irmãos e que vou levar por toda a vida, que entraram nela justamente quando eu me sentia mais sozinho, e fizeram com que eu me tornasse uma nova pessoa. Bárbara, Gustavo, Isabela, Marcos, Alex e João, eu tenho orgulho de vocês e da amizade que construímos ao longo desses anos. Obrigado por cada barzinho, churrasco, festa, carnaval, conselho, viagem, e por todos os outros momentos que não cabem aqui e dariam para escrever um TCC sobre. Saibam que cada segundo foi inesquecível e vou guardar comigo pelo resto da minha vida. Dói saber que essa fase está chegando ao fim, mas me sinto feliz por saber que vamos compartilhar vários outros momentos, sempre juntos. Eu tenho orgulho das pessoas que vocês são, e dos professores e historiadores que serão. Eu amo vocês.

Daqueles fora da UnB eu também não poderia esquecer, PG, Bebel, Vicente, Pelas, Fidelis, Yan, Maumau, Ratex, todo o PS. Vocês estiveram comigo desde o Ensino Médio, desde que éramos moleques, e parte de todas as minhas conquistas eu devo a vocês. Compartilhamos sonhos e alegrias e crescemos juntos mesmo com nossas diferenças. Não poderia estar mais grato por saber que vocês sempre estarão ao meu lado, não importa o que aconteça. Muito obrigado!

À minha orientadora Ana Flávia e aos meus professores Vidigal, Léa Carrer e Daniel Faria, que marcaram minha caminhada na graduação por meio de aulas e conselhos. Muito obrigado!

Aos meus amigos historiadores do Cartel, e daqueles me aproximei nesse ano de 2019, vocês também fazem parte disso, obrigado por cada momento de aprendizado e pela oportunidade de nos tornarmos grandes colegas e amigos.

RESUMO

No ano de 1933, ocorreu uma mobilização por parte de quatro clubes cariocas para que o futebol do Rio de Janeiro deixasse de ser amador para se tornar profissional. O objetivo dessa pesquisa é analisar, por meio do estudo de periódicos da época e em diálogo com trabalhos acadêmicos, como o argumento de parte da imprensa que defendia o amadorismo do esporte era dotado de manifestações racistas, nos termos do chamado “racismo velado”, uma vez que apresentavam outras justificativas para frear o processo. Acompanhando contrastes e contradições nestes discursos, é possível traçar um paralelo entre o panorama do futebol daquela época com o mito da democracia racial no Brasil, mostrando como o futebol serviu de instrumento para que negros ascendessem socialmente em meio a uma sociedade marcada por um racismo institucionalizado, e como as elites dominantes tentaram impedir esse fenômeno, colocando em xeque a ideia de uma nação desprovida de racismo.

Palavras-chave: futebol, racismo velado, democracia racial, imprensa, profissionalização

ABSTRACT

In 1933, there was a mobilization by four Rio clubs for Rio de Janeiro football, leaving the amateurism to become professional. The aim of this research is to analyze, through the study of periodicals of the time and in dialogue with academic studies, as the argument of the press that defends the amateurism in the sport or time of racist manifestations, in the terms of the “veiled racism”, as we present other justifications for the final process. Following contrasts and contradictions in these discourses, it is possible to trace a parallel between the football landscape or the era of racial democracy in Brazil, showing how football or the service of instrument for ascending blacks socializing in the midst of a society indicated by institutionalized racism, and how the ruling elites tried to prevent this phenomenon, to challenge an idea of a nation devoid of racism.

Key words: soccer, veiled racismo, racial democracy, press, professionalization.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 - O FUTEBOL CARIOCA NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX: DA ELITIZAÇÃO A POPULARIZAÇÃO	5
1.1 O futebol e suas fontes históricas	
1.2 O crescimento do futebol e o amadorismo dos grandes clubes cariocas	
1.3 O futebol como negócio: vontade de <i>vencer versus</i> racismo	
CAPÍTULO 2 – O DEBATE EM TORNO DA PROFISSIONALIZAÇÃO DO FUTEBOL CARIOCA E AS MANIFESTAÇÕES DE “RACISMO VELADO” NA IMPRENSA	17
2.1 Por que profissionalizar?	
2.2 Profissionalismo x amadorismo: os argumentos de cada uma das partes	
2.3 O mito da democracia racial e o futebol carioca	
2.4 Manifestações do racismo velado na imprensa	
2.4.1 O aspecto financeiro	
2.4.2 O saudosismo e o argumento da desmoralização	
CAPÍTULO 3 - A CONSOLIDAÇÃO DO PROFISSIONALISMO: MUDANÇAS E CONTINUIDADES ...	33
3.1 a mudança do discurso: tom de derrota	
3.2 O que mudou com o profissionalismo?	
3.3 A herança do profissionalismo: o mito da democracia racial e o nacionalismo	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
FONTES	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47

INTRODUÇÃO

Quando falamos em futebol, fazemos uma série de associações, seja pela sua enorme popularidade, pela paixão e o fanatismo de suas torcidas, pelas particularidades do jogo em si, ou ainda, pelo fato de ser um grande negócio. Todos esses aspectos remetem a momentos marcantes na vida de muitas pessoas, fazendo com que o esporte muitas vezes seja pensado como algo intrínseco, que sempre esteve presente daquela maneira. Essa ideia está enraizada na memória popular e não há como negar que o futebol faça parte da cultura brasileira. Mas como devemos pensar o futebol? Isto é, qual o papel que ele deve assumir na sociedade, ou até mesmo na história? Devemos tratá-lo como algo inerente, um espaço que está isolado de aspectos políticos, sociais e econômicos?

Tais questionamentos iluminaram a realizam deste trabalho de conclusão de curso (TCC), abrindo margem para discussões que estão sendo trazidas recentemente ao campo historiográfico. Basta refletir sobre as origens do futebol, para se pensar como um esporte trazido por imigrantes ingleses ao Brasil, praticado somente pela elite, se tornou a prática desportiva mais popular do país, sendo apropriado por todas as classes sociais. Ao mesmo tempo, o futebol passou de um simples lazer a um negócio milionário ao longo do século XX. Um dos objetivos desta pesquisa é refletir sobre como fatores políticos, sociais e econômicos tiveram grande impacto no futebol e vice-versa, considerando como o racismo ocupou espaço nessa dinâmica.

Muitos dos historiadores, sociólogos e antropólogos que trabalham com o futebol se debruçam geralmente nas duas primeiras décadas do século XX, momento que remete à popularização do esporte em todo o país, trazendo junto consigo a crescente integração da população negra (preta e parda) de baixa renda em espaços elitistas. O Rio de Janeiro é o local que mais abre precedentes para esses estudos, uma vez que foi na capital do país na época onde esses acontecimentos aconteceram primeiro, principalmente nos grandes clubes da cidade.

O exemplo mais marcante é o do Vasco da Gama em 1924, que teve seu time composto majoritariamente por jogadores negros da classe baixa da população e foi proibido de disputar o torneio daquele ano, em razão justamente da origem de seus atletas, logo um ano após ser

campeão¹. Esse episódio é alvo de debates historiográficos por conta da questão racial, que para alguns foi o fator primordial², mas para outros nem tanto³.

Seja como for, o que podemos trazer de todos esses debates é o modo como o racismo no futebol é abordado e como remete a questões políticas e sociais daquele período, ainda mais se pensarmos nos múltiplos tensionamentos vivenciados no pós-abolição, e no fato de esse esporte ter sido um dos principais espaços através do qual a população negra ascendeu socialmente. Por isso, é necessário estudar o futebol para se entender como o jogador negro se enquadrava naquela sociedade, como era vista a conquista daqueles espaços pelas elites, qual o contexto que permitiu esse fenômeno, se houve resistência por parte dela ou não, e como o racismo atuava durante esse processo.

Por meio dessa contextualização, chegamos ao nosso recorte temporal: o ano de 1933, quando, no Rio de Janeiro, o futebol demarcava a sua profissionalização, isto é, deixaria de ser amador e passava a regulamentar o pagamento aos seus atletas, prática proibida até então. Através do estudo de periódicos da época, a saber *Correio da Manhã* (RJ), *Jornal do Brasil* (RJ) e *Jornal dos Sports* (RJ), nota-se que parte da imprensa que era contrária à profissionalização, baseava-se na justificativa de que os clubes idealizadores do projeto não iriam conseguir arcar com os custos salariais de seus atletas, uma vez que ela fosse regulamentada. No entanto, utilizando diversos trabalhos acadêmicos como referência, é comprovado que naquela época o pagamento de jogadores de futebol já era feito, por meio dos chamados “bichos”, feitos de forma clandestina, mas que ao longo da década de 1920 já eram de conhecimento geral, inclusive da imprensa. Isso, com efeito, nos levou ao seguinte questionamento: por que a regulamentação daquilo que já era de conhecimento de todos era malvista pela imprensa, apontado como uma “praga”, como dito no *Jornal do Brasil*⁴?

A questão do profissionalismo no futebol não é observada com a mesma ênfase⁵ quando comparamos as duas décadas anteriores, e até mesmo dentro da própria década de 1930, o foco

¹ Cf. MALAIA, João Manuel. *Revolução Vascaína (1915-1934): a profissionalização do futebol e a inserção socioeconômica de negros e portugueses no Rio de Janeiro do início do século XX*. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

² Cf. HELAL, Ronaldo. GORDON JUNIOR, C. Sociologia, História e Romance Na Construção da Identidade Nacional Através do Futebol. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 13, n.23, p. 147-164, 1999.

³ Cf. SOARES, A. J. O racismo no futebol do Rio de Janeiro nos anos 20: uma história de identidade. *Revista Paulista Educação Física*, 13(1), p.119-129, São Paulo, 1999.

⁴ O *Jornal do Brasil* publicou uma série de matérias intituladas “A praga do profissionalismo no futebol carioca”, motivando a escolha do título da pesquisa, pois é o uso do termo “praga” que abre precedentes para a problematização da questão racial durante o processo de profissionalismo.

⁵ Cf. FILHO, Mário. *O negro no foot-ball brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947; GORDON JÚNIOR, César. *Eu já fui negro e sei bem o que é isso: história social dos negros no futebol brasileiro* (segundo

é voltado para o futebol dentro do Estado Novo, principalmente com a Copa do Mundo de 1938, quando a participação de jogadores negros nos grandes clubes e na seleção brasileira já era uma questão consolidada.

Considerando os meandros do chamado racismo velado, é objetivo desta pesquisa também analisar o lugar da questão racial na afirmação das posturas dos defensores do amadorismo – clubes e imprensa. Isso porque esse posicionamento ia na contramão do processo de popularização do futebol impulsionado pela maior liga da cidade, a Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA), que abria possibilidades de ocupação desses espaços por jogadores negros e de baixa renda, que teriam autonomia para decidir em quais clubes jogar e passariam a se dedicar por completo ao esporte, fazendo com que a qualidade técnica pudesse suplantar a discriminação racial como requisito para compor os times. A ascensão social representada pelo profissionalismo e a tentativa de proibição pelos defensores do amadorismo coloca em xeque a ideia de democracia racial defendida pela elite intelectual da época, mostrando que o futebol serve de instrumento para analisarmos as contradições desse mito.

De tal sorte, este TCC está dividido em três capítulos. O primeiro tratará de fazer uma contextualização do cenário futebolístico do Rio de Janeiro, começando pela primeira década de 1900 até a década de 1930, apresentando as fontes que a maioria dos pesquisadores utilizam para estudar o assunto e incorporando os debates historiográficos mais relevantes, que são de suma importância para o entendimento do futebol dentro da historiografia. Será apresentado brevemente um panorama sobre como o futebol chegou ao Brasil, e as particularidades que fizeram o esporte se popularizar na então capital nacional, passando por fatores políticos e sociais. Por último, a atenção se volta ao que era e como funcionava o amadorismo praticado nos grandes clubes cariocas, e como o regime era uma maneira de reafirmar os privilégios da elite no futebol. Convém já dizer que, à medida que a popularidade do esporte crescia, a competitividade entre os clubes da cidade fez surgir a necessidade de se contratar jogadores negros em função de sua qualidade técnica, dando início ao pagamento clandestino a esses atletas, a todo tempo sofrendo resistência por parte da elite praticante.

No segundo capítulo, será introduzida e problematizada a questão da profissionalização, expondo os motivos pelos quais quatro clubes da AMEA optaram por adotar o regime, que

tempo). Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol da UERJ, Rio de Janeiro, v. 3/4, p. 65-78, 1996; MALAIA, João Manuel. Revolução Vascaína (1915-1934): a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses no Rio de Janeiro do início do século XX. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

tinha diferenças em relação ao amadorismo. Analisaremos por que parte da imprensa se posicionou contra o novo regime, apresentando os argumentos das parcelas que eram contrárias e favoráveis ao profissionalismo. Por meio desta análise, buscamos identificar manifestações de racismo, traçando um paralelo com o mito da democracia racial no Brasil, mostrando como as ideias das correntes intelectuais do período eram processadas no meio futebolístico, e como o esporte é um tema profícuo para questionar a ideia de uma nação desprovida de racismo.

No terceiro e último capítulo, trataremos dos desdobramentos da instauração do profissionalismo no futebol carioca, analisando as novidades trazidas pelo regime e como a imprensa e os clubes amadoristas se portaram diante dele. Será feita uma nova problematização em torno da questão racial, em função da realidade trazida pelo profissionalismo, mostrando como, apesar de representar uma maior ascensão social de jogadores negros, o regime não estava imune à influência de novas correntes intelectuais que ressignificaram a ideia de uma harmonização entre raças através de novos discursos.

CAPÍTULO 1 - O FUTEBOL CARIOCA NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX: DA ELITIZAÇÃO A POPULARIZAÇÃO

Para se entender o processo de profissionalização do futebol carioca, que tem no ano de 1933 um marco reconhecido, o argumento de cada uma das partes, o porquê de todas as discussões e o impacto das dinâmicas de relações raciais no Brasil nesse cenário, é necessário traçar um panorama do futebol recuando alguns anos antes. Dessa forma, este capítulo busca sistematizar um resumo do esporte durante as três primeiras décadas do século XX, tratando não apenas da sua história enquanto instituição, mas também da sua relação com a sociedade, uma vez que através do futebol e sua popularização é possível perceber o comportamento entre as diferentes classes e grupos sociais brasileiros naquele período.

Para isso, serão considerados os debates historiográficos voltados a esse período, o que perpassa uma discussão acerca do tratamento das fontes e o cuidado sobre o que pode ser considerado ou não a respeito da memória coletiva do futebol, uma vez que vários acontecimentos desse período influenciaram fortemente a formação do imaginário sobre o esporte até hoje, além é claro sobre os próprios debates historiográficos daqueles que trabalham com história do futebol. Em seguida, trataremos do processo de popularização e seus efeitos na principal liga do Rio de Janeiro.

1.1 O FUTEBOL E SUAS FONTES HISTÓRICAS

O estudo sobre o futebol propriamente dito tem como um dos principais nomes o jornalista Mário Rodrigues Filho, em razão de sua obra *O negro no futebol brasileiro*, publicada em 1947, sendo o primeiro trabalho a abordar a questão racial no esporte⁶. O autor foi ainda contemporâneo de vários acontecimentos descritos na obra e apresenta um vasto conteúdo a respeito da popularização do futebol durante as primeiras décadas do século XX, através de relatos de pessoas que também viveram durante o período. Até hoje essa obra é de suma

⁶ Cf. FILHO, Mário. *O negro no foot-ball brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947.

importância para quem estuda sobre futebol, e vários dos contos presentes nela são de conhecimento popular.

À medida que o futebol passou a ser mais estudado, principalmente suas origens, a credibilidade da obra de Mário Filho enquanto fonte histórica foi colocada em xeque. Autores como Antônio Jorge Soares criticam o modo como o livro é considerado um retrato fiel da realidade do futebol carioca no período, chamando atenção a dimensão literária, em certa medida romanesca da obra⁷. Para ele, sob inspiração da matriz analítica de Gilberto Freyre - que até mesmo assina o prefácio da primeira edição, em 1947 -, vários dos casos contados pelo autor na obra são fictícios, criados para fomentar uma história de identidade: “uso emocional de acontecimentos do passado para justificar instituições e ações no presente e alimentar algum sentimento de autoestima ou ressentimento e coletividades⁸”. Isso estaria expresso, sobretudo, na ideia de uma reconciliação entre negros e brancos através do futebol, algo explícito por meio da divisão dos capítulos do livro: “Raízes do saudosismo”; “O campo e a pelada”; “A revolta do preto” e “A ascensão social do negro”, que encadeiam uma sequência narrativa que aborda segregação racial, resistência, e integração⁹. No último desses três momentos, apresenta-se o conceito de formação da identidade brasileira. Através desse argumento, Soares problematiza a utilização da obra como fonte histórica vista como relato fiel, em razão da inexistência de factuaisidades.

O trabalho de Soares é importante quanto ao cuidado que os historiadores devem ter em relação ao uso de fontes literárias, mas não apenas. No caso de *O negro no futebol brasileiro*, isso ocorre devido a inexistência de outros trabalhos que abordam a mesma temática naquele período, fazendo com que os historiadores se acomodem e não busquem novas fontes, ou mesmo chaves de interpretação. O problema do argumento de Soares é negar qualquer tipo de uso da obra como fonte, pois apesar de ele acertar ao dizer que o intuito principal do livro é realmente vender ao leitor a ideia de um “clima de época” - através dos depoimentos das pessoas envolvidas - e de criar uma identidade nacional, não podemos excluir o livro como fonte histórica, uma vez que dispomos de repertório analítico e metodológico para lê-lo a contrapelo.

⁷ Cf. SOARES, A.J. O racismo no futebol do Rio de Janeiro nos anos 20: uma história de identidade. *Revista Paulista Educação Física*, 13(1), p.119-129, São Paulo, 1999.

⁸ Ibid, p. 119.

⁹ Cf. HELAL, Ronaldo. GORDON JUNIOR, C. Sociologia, História e Romance Na Construção da Identidade Nacional Através do Futebol. p.149. *Estudos Históricos* (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 13, n.23.

Esse exemplo remete ao debate feito por diversos historiadores como Chartier, Braudel, Burke e Sevckenko a respeito da literatura como fonte histórica, a tipologia dessa fonte, o que ela nos traz como benefício e quais são os cuidados que o historiador deve ter em relação a ela. Em diálogo com o artigo de Giovana Maria Carvalho Martins¹⁰, podemos fazer uma associação com *O negro no futebol brasileiro*, assim como o artigo de Ronaldo Helal e Gordon Júnior¹¹, autores que tratam justamente da dureza com a qual Soares trata o livro, e sobre o que podemos aproveitar dele.

Martins parte do pressuposto de que os diálogos entre história e literatura se fortalecem a partir da década de 1990, sendo fundamental que o historiador seja capaz de entender o compromisso de cada uma. A relação entre história e literatura parte do campo epistemológico¹². Ambas são formas de dizer sobre o mundo, sob diferentes perspectivas de associações e distanciamentos, onde a diferença é que a história busca se amparar o máximo possível nos vestígios e rastros do passado, enquanto a literatura não assume radicalmente esse compromisso, o que é evidente por conta de seus personagens e histórias fictícias. Porém, ela nos permite um exercício de aproximação fornecendo novos ângulos para observarmos possíveis tensões em estruturas sociais, a depender do contexto no qual a obra foi escrita.

É aqui que se encaixa o caso de *O negro no futebol brasileiro*, porque a questão principal não é determinar se as histórias narradas por Mário Filho aconteceram ou não, e sim sobre entender como eram as relações sociais da época, em que mesmo dotada de uma inspiração freyriana, é possível notar passagens em que essa aproximação com o passado pode ser feita, por meio de mediações analíticas. A crítica de Soares à obra de Mário Filho, portanto, é semelhante ao problema que Chartier atribui a literatura, ao se apropriar do passado em alguns casos, apresentando momentos que são dados como reais, garantindo a ilusão de um discurso histórico, *O negro no futebol brasileiro*, isso seria a redenção do negro, a reconciliação racial com o branco e a criação de uma identidade nacional através do futebol.

O problema está, portanto, na forma como os historiadores analisam a tipologia da fonte, e dos vícios que o fazem comprar acriticamente a ideia do autor, em vez de historicizá-la. Helal e Gordon Júnior apontam que é justamente o “clima de época” tão criticado por Soares que nos

¹⁰ Cf. MARTINS, G.M.C. O uso da literatura como fonte histórica e a relação entre literatura e história. In: *VII Congresso Internacional de História, XXXV Encuentro de Geohistoria Regional e XX Semana de História*, 2015, Maringá. Anais do VII Congresso Internacional de História, 2015.

¹¹ HELAL, Ronaldo. GORDON JUNIOR, C. op. cit.

¹² MARTINS, G.M.C. op. cit., p. 3890.

permite ter *O negro no futebol brasileiro* como fonte histórica, pois é através da história oral que temos uma “técnica útil para registrar o que não está cristalizado em uma documentação escrita”¹³, possibilidade de analisar “sensibilidades, valores e perfis”¹⁴ do período.

De tal sorte, o contexto no qual Mário Filho escreveu, assim como o método escolhido por ele não anulam em absoluto a relevância e a importância de termos o livro como fonte histórica, por isso várias passagens dele serão trabalhadas no decorrer deste texto. Até porque, considerando os objetivos desta pesquisa e o reconhecimento ainda limitado de fontes sobre racismo e futebol, é preciso aproveitar uma fonte como essa, bem como se debruçar sobre outros documentos, como os periódicos, que, dentro das fontes existentes, é uma das que oferece uma maior densidade de informações.

1.2 O CRESCIMENTO DO FUTEBOL E O AMADORISMO DOS GRANDES CLUBES CARIOCAS

O processo de popularização do futebol relacionado com o de desenvolvimento da prática dentro dos grandes clubes cariocas apresenta uma história curiosa. Isso se deve ao fato de o esporte ter sido introduzido no Brasil pelos ingleses e praticado pelas elites. O futebol passou a ocupar o lugar do remo e do turfe (corrida à cavalos) como principal esporte da capital já na década de 1900, criando seus primeiros clubes como o Fluminense, Bangu, Paysandu, de origem inglesa, e o Botafogo, Flamengo e América, todos provenientes da elite da capital. Em 1905 era disputado o primeiro campeonato de futebol da Liga Metropolitana de Football (LMF), de cunho amador.

O amadorismo praticado na LMF representava a exclusividade do futebol entre a elite que compunha esses grandes clubes¹⁵. Para participar da liga, era necessário que seus integrantes tivessem outras ocupações legais, sendo proibido o pagamento financeiro aos atletas, que deveriam ser filiados aos clubes. Com isso, ocorria a prática do “cavalheirismo”, o esporte voltado ao lazer, uma extensão de como o esporte era praticado na Inglaterra, composto por ingleses, imigrantes, estudantes de engenharia, medicina, direito e outros membros de famílias abastadas ou no mínimo bem remediadas¹⁶.

¹³ HELAL, Ronaldo; GORDON JUNIOR, C. op cit p.150.

¹⁴ MARTINS, G.M.C. op cit p. 3897.

¹⁵ Entende-se aqui por grandes clubes Fluminense, Flamengo, Botafogo e América. O Bangu apesar de origem inglesa, não incorporava esse grupo devido a sua localização, afastada da Zona Sul do Rio de Janeiro.

¹⁶ FILHO, Mário. op cit p. 44.

Isso aponta para a enorme influência inglesa no país por meio do esporte, as próprias nomenclaturas atestam isso: o futebol era o *foot-ball*, seus praticantes *sportsman*, as partidas eram *matches*, e assim por diante. Essas várias regras existentes eram formas de evitar que pessoas de baixa renda entrassem na liga, que ainda cobrava uma alta taxa financeira para a inscrição dos clubes. O elitismo do futebol não se restringia aos gramados. As arquibancadas também eram compostas pela classe alta da cidade, que também frequentava os clubes após os jogos para as confraternizações junto aos atletas, sempre num clima festivo e de euforia – um palco de reafirmação do *status* social.

Mesmo com todos os empecilhos e obstáculos impostos pela elite, o futebol se tornava popular nas demais classes da população, criando verdadeiros torcedores dos grandes clubes, que se aglomeravam nos arredores dos estádios e mais tarde passariam a ocupar as famosas “gerais” dentro deles. O fato é que não havia nada que as elites pudessem fazer para evitar a popularização do esporte, que é fruto de uma série de fatores que transcendem o simples gosto pela bola redonda.

Nas primeiras décadas do século XX, o Rio de Janeiro passava pelo processo de modernização e higienização da cidade¹⁷. A política do “bota-abaixo” do então prefeito Francisco Pereira Passos demoliu vários prédios e cortiços por toda a capital, que além de afastar pessoas negras e brancas pobres do centro da cidade para viverem nos subúrbios e nas favelas, criou vários espaços descampados que serviram como palco para a prática do futebol. Em meio a todo o autoritarismo imposto pelo prefeito que contribuiu para aumentar a desigualdade entre as classes sociais – o que pressupõem pensar em negros e brancos –, por meio da proibição do comércio de ambulantes, cobrança de impostos sobre licenças e aplicação de infrações por postura¹⁸, o Estado brasileiro promovia a prática esportiva como uma forma de disciplinar a população e adequá-la às medidas higienistas instituídas na cidade. O incentivo do governo era feito também pelo meio financeiro, através da organização de campeonatos de remo e turfe, além do apoio à então Liga Metropolitana de Sports Athleticos (LMSA)¹⁹, fazendo com que os domingos do Rio de Janeiro se tornassem o dia do lazer, atraindo tanto a elite para

¹⁷ Cf. Sidney Chalhoub. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

¹⁸ BENCHIOMOL, Jaime.Larry. Reforma urbana e a revolta da Vacina na cidade do Rio de Janeiro. p. 244. In: Jorge Ferreira; Lucília de Almeida Neves. (Org.). *Brasil republicano. Economia e sociedade, poder e política, cultura e representações*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003, vol. 1, p. 231-286.

¹⁹ A mudança da sigla da anterior Liga Carioca de Football (LCF) ocorreu em 1907.

a participação nesses grandes eventos quanto as classes mais baixas, que prestigiavam os eventos na plateia.

Outro fator que contribuiu para o futebol se tornar o esporte número um do Rio de Janeiro foi a facilidade do seu jogo. Não era necessário um barco como no remo, ou um cavalo como no turfe, somente uma bola, que era improvisada com tecidos ou qualquer objeto semelhante. Isso permitia que o esporte fosse praticado tanto nos campos abertos como nas ruas da cidade, servindo como uma alternativa à proibição da capoeira por parte do governo. Como argumenta Mário Filho, “o futebol se tornou popular porque todos tinham vocação para ele”²⁰.

Assim, o Rio de Janeiro viva a dualidade: de um lado, uma elite cujos interesses eram protegidos pelo Estado, e que no esporte recebia incentivo financeiro do governo; e do outro, a população de baixa renda, composta em sua grande maioria por descendentes de africanos, que tentava sobreviver às várias intervenções do Estado com o propósito modernizar e higienizar a capital, expulsando essas pessoas de suas moradias e de seus empregos sem oferecer alternativas. Tratava-se de uma continuação da política excludente republicana explícita na Constituição de 1891, que não dava direito ao voto aos analfabetos e não propôs políticas públicas de fortalecimento e valorização da população negra, em geral, e dos egressos da escravidão, em particular.

Com efeito, não podemos pensar que o esporte naquela época fosse o único elemento capaz de apaziguar as tensões raciais e sociais existentes na época, assim como pensar que a elite não se importava com o aumento da popularidade do futebol. As próprias regras da LMSA são a prova de que os grandes clubes se protegiam dessa ascensão. João Manuel Malaia apresenta um comunicado da liga à imprensa informando que não seriam registradas “pessoas de cor” como amadores²¹. Isso demonstra que a questão racial jamais deve ser colocada de lado quando falamos de futebol, dado ao contexto do pós-abolição no Rio de Janeiro.

O caso do Bangu Athletic Club abriu margem para a entrada de jogadores que não os oriundos das elites. Malaia²² conta que o clube era proveniente de uma indústria de donos ingleses, e por ser afastado da Zona Sul da cidade, onde existiam mais adeptos do futebol, tinha dificuldade para completar os 22 jogadores. A solução encontrada pelos donos do clube foi

²⁰ FILHO, Mário. op cit p.43

²¹ MALAIA, João Manuel. *Revolução Vascaína (1915 - 1934): a profissionalização do futebol e a inserção sócioeconômica de negros e portugueses no Rio de Janeiro do início do século XX*. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010. p. 51

²² Ibid p. 38.

chamar os operários da fábrica - muitos deles negros - para completarem o time²³. Havia o pagamento de uma mensalidade pequena quando comparada ao salário deles nas fábricas, deixando claro que não abriam mão de jogadores mais humildes, apesar de sempre darem preferência aos ingleses no time. Apesar de contarem com negros no time, é errado afirmar que dentro de campo o comportamento entre as raças era amistoso:

Os pretos muito visados, quase não podendo fazer nada em campo. Tendo de jogar um foot-ball muito limpo, muito decente, respeitando os brancos. Quando o preto metia o pé no branco era um sururu na certa. Todo mundo achando que o preto devia ser posto para fora de campo. [...] Por isso muito jogador preto virava dama em campo. Só tirando a bola do pé de branco com uma delicadeza que só vendo. Ou então deixando o branco passar.²⁴

A passagem de Mário Filho aponta que era o negro que jogava o esporte branco, ou seja, uma espécie de convidado que deveria seguir as normas do anfitrião, servindo como uma demonstração do racismo dentro de campo, reafirmando que apesar de dividirem o mesmo espaço, essas manifestações eram explícitas no comportamento dos participantes, atestando a imposição da superioridade branca no imaginário negro, uma vez que esses sabiam que estavam impedidos de praticar o esporte em igualdade em relação aos atletas brancos.

O exemplo do Bangu alimentou as esperanças de que um dia jogadores negros das classes mais baixas da população participassem da LMSA. Inspirou ainda a criação de centenas de clubes de fábrica, que utilizavam a mesma estratégia do Bangu para se sustentarem financeiramente. A grande maioria desses clubes ficava afastada da Zona Sul da cidade, e contribuiu para a popularização do futebol na capital. No decorrer da década de 1910, o número de jogadores chegava a cinco mil²⁵, grande parte deles operários, destacando a relação entre patronato e funcionários, em que o futebol se tornava uma ferramenta de controle por parte dos donos das empresas, representando uma alternativa ao ócio e evitando motins e greves salariais. Por conta disso, alguns líderes operários eram contrários ao futebol. O periódico *A Classe Operária*, na década de 1920, criticava a forma pela qual o futebol estava sendo praticado, chegando a acusar o esporte de dividir a classe operária por meio de sua rivalidade:

Dentro da Fabrica, ou na hora do almoço o assumpto predilecto é o foot-ball, e enquanto perdeis um tempo precioso a discutir este assumpto deixais de tratar do que mais vos interessa, como seja, a organização do vosso syndicato, as melhorias nas condições de vida, etc. Outro fact: enquanto a burguesia se fortifica, vós vos dividis. Não continueis

²³ MALAIA, João Manuel. op. cit., p. 38

²⁴ FILHO, Mário. op. cit., p. 97

²⁵ MALAIA, João Manuel. op. cit., p. 104

a aceitar o auxílio da classe patronal para praticar o sport. Acontece que, ao ser promovido um encontro de foot-ball entre os operários de uma fábrica, com os de outra fábrica originam-se, com o entusiasmo de vencer o adversário, muitas rivalidades das quais se aproveita o patrão, por que, enquanto os operários se dividem, naturalmente, eles ficam contentes, porque assim os seus operários não irão a sua corporação discutir e aprovar as reivindicações a quem têm direito os trabalhadores (...).²⁶

O artigo sugere que o gosto pelo futebol nas primeiras décadas do século XX não era unanimidade entre a sociedade, indo de encontro até mesmo com os expedientes de lideranças operárias em suas lutas cotidianas. Mesmo assim, parte da elite buscava outras formas de combater o futebol praticado pelas populações mais pobres. Isabela Martins Aragão analisou periódicos cariocas entre as décadas de 1900 e 1910, encontrando reportagens “geralmente em tom de denúncia, (que) buscavam frear e criminalizar a prática do jogo nas ruas”²⁷. como ela observou no periódico *A Época*:

De muito tempo a esta parte recebemos reclamações sobre o descaso que está entregue a rua Machado de Assis, tendo sido transformada em campo de “football” pelos garotos que habitam as estalagens daquela rua. Várias senhoras já têm sido atingidas pelas bolas; grande número de cavalheiros, por sua vez, tem sido vítimas dos mesmos dissabores. Chamamos a atenção da polícia, para que ponha termo a semelhantes abusos.²⁸

1.3 O FUTEBOL COMO NEGÓCIO: VONTADE DE VENCER VERSUS RACISMO

Diante da criação dos clubes suburbanos e do aumento da quantidade de jogadores, a qualidade desses também foi afetada, aumentando a competitividade do futebol. A LMSA já contava com uma divisão inferior para esses clubes suburbanos, em mais uma tentativa de proteger os clubes da elite, ao passo em que o esporte ia se tornando um palco para negócios.

Os grandes clubes passavam a aumentar sua receita com ingressos e popularidade constantemente, necessitando cada vez mais de novos bons jogadores para engrandecer suas equipes e disputar títulos. A alternativa encontrada por eles foi buscar esses bons jogadores nos clubes suburbanos e introduzi-los discretamente como sócios²⁹ e arranjando empregos aceitos pela Liga Metropolitana de desportos terrestres (LMDT) – nova mudança de sigla, justamente

²⁶ Sport Operário. *A Classe Operaria* (RJ). Edição 7, 13/06/1925, p. 4.

²⁷ ARAGÃO, Isabela M. Caminhos da popularização do futebol nas ruas do Rio de Janeiro: um caso de polícia. (1910-1920). p. 8. In: *Seminário Internacional Copa América 2019: Esportes, mídia, identidades locais e globais. 2019*, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Laboratório de Estudos em Mídias e Esportes, 2019. p. 1-16.

²⁸ A praga do football. *A Época*. – 02/12/1914. apud ARAGÃO, Isabela M. *Ibid.*, p. 8.

²⁹ MALAIA, João Manuel. op cit., p. 121.

pelo seu novo estatuto³⁰ – para conservar os moldes do amadorismo e proteger os jogadores de elite.

O exemplo mais famoso dessa prática é o do jogador Carlos Alberto, que tinha a pele mais escura do que o restante do elenco do Fluminense – o maior clube carioca da época e também o mais elitizado – e passava pó-de-arroz no rosto para disfarçar essa diferença. Porém, ao suar no decorrer do jogo, a “farsa” era facilmente notada pelos torcedores que passavam a gritar “pó-de-arroz” para o jogador³¹. Esse caso mostra como a vontade de vencer do Fluminense quebrou a barreira contra jogadores negros dentro da maior liga da cidade. Isso, contudo, não eliminou o racismo nem fora, nem dentro de campo, pois mesmo como sócios e integrantes do clube, esses jogadores não recebiam tratamento igual de um jogador branco. No capítulo seguinte trataremos melhor dessa questão, que abre precedentes para uma ideia de recusa do racismo nos grandes clubes pelo simples fato da convivência entre negros e brancos no mesmo espaço.

O caso do Fluminense foi apenas um dos vários que passaram a ocorrer nos clubes da LMDT. Entre esses, destaca-se um que mexeu com toda a estrutura da liga a respeito do amadorismo e é alvo de discussão por parte da historiografia à questão racial. No ano de 1923, o Club de Regatas Vasco da Gama era campeão da liga no primeiro ano de participação, com o elenco recheado de jogadores pretos e pardos provenientes das camadas mais baixas da população. A memória popular atribui ao Vasco o posto de principal responsável pela entrada dos jogadores negros no futebol brasileiro, episódio reconhecido pelo próprio clube através de cânticos de seus torcedores.

O Vasco da Gama é um clube fundado por portugueses e iniciou suas atividades no futebol em 1916, quando já era um dos maiores clubes de remo na cidade, e buscava naquele momento entrar no negócio futebolístico, motivado pela sua crescente popularidade e pelo fato de a enorme colônia portuguesa na capital ainda não ter um clube que representasse suas origens. A pauta principal desde o início era montar um time competitivo e se tornar um dos maiores clubes do Rio de Janeiro.

³⁰ O artigo 65 do estatuto da LMDT previa que não era possível a inscrição de atletas que dependessem exclusivamente de profissões braçais e que exercessem “profissões humilhantes que lhes permitam recebimento de gorjeta”. Fonte: *Diario Oficial da União*, 20 de dezembro de 1917, pp. 13580 a 13584 apud. MALAIA, João Manuel. op cit., p. 150.

³¹ *Ibid.*, p. 124.

Como já foi visto, montar um time competitivo significava compor o elenco com jogadores suburbanos, e o Vasco não tinha problemas em empregar jogadores negros, pois assim como o Fluminense, apesar do preconceito racial, havia vantagens nisso. Isso significa que o Vasco também dava preferência a jogadores brancos sempre que possível: “entre o branco e o preto, os dois jogando a mesma coisa, o Vasco ficava com o branco. O preto era para a necessidade para ajudar o Vasco a vencer”³². Malaia aponta que os empresários portugueses sempre apoiaram e financiaram a empreitada vascaína no esporte, mesmo assim, a caminhada do clube que se iniciou na terceira divisão em 1916 até o título da primeira divisão em 1923 encontrou vários obstáculos, muito em função da postura preconceituosa da liga em relação aos clubes das divisões inferiores.

O Vasco da Gama contratou esses jogadores negros da Liga Suburbana, prática até então pouco comum entre os clubes da LMDT, mesmo esses atletas sendo analfabetos, o que era proibido pela liga. No entanto, os vascaínos negligenciavam essa regra contando com a falta de fiscalização desse quesito nos clubes da segunda divisão e por essa ser a única solução viável para formar um time competitivo de forma rápida. Apesar de contar com o apoio de empresários e torcedores da colônia portuguesa, os lusitanos não tinham a mesma intimidade com a bola em relação aos jogadores do Rio de Janeiro. Além disso era praticamente impossível convencer bons jogadores da primeira divisão a defender um clube de origem portuguesa da divisão inferior.

Outra medida adotada pelo Vasco e que também desconsiderava o estatuto da LMDT era a dedicação total dos seus jogadores ao futebol, inclusive com pagamento direto a eles, disfarçados por empregos de fachada em que eles nem sequer compareciam e recebiam remuneração, prática que ficou conhecida como “amadorismo marrom”, justamente por beneficiar jogadores negros. A diretoria vascaína também empregou o renomado técnico da época Ramón Platero, que treinava o time em diferentes turnos. Com isso a estrutura do clube era basicamente a de um clube profissional.

O resultado desse alto investimento veio com a rápida ascensão à primeira divisão e o título da LMDT em 1923. Naquele contexto, o Vasco continuou com a estratégia de contratar jogadores negros dos clubes suburbanos, o que foi facilitado pelo próprio estatuto da liga que não colocava tantos obstáculos para a transferência de jogadores entre os clubes³³. O

³² FILHO, Mário. op. cit., p. 143-144.

³³ Em 1920 teve fim a “Lei do Estágio”, que previa que os jogadores devessem ficar no mínimo um ano em um clube, impedidos de serem trocados/contratados por outros clubes. MALAIA, João Manuel. op cit., p.194.

surpreendente na conquista do Vasco foi a facilidade com a qual a equipe se sagrou campeã, perdendo somente um jogo durante sua campanha, choque que não foi aceito pelos grandes clubes e teve respostas imediatas por parte deles a respeito do caráter profissionalista denunciado por esses clubes e imprensa, e conseqüentemente da questão racial, uma vez que esses dois fatores atuavam em conjunto.

No ano seguinte, os grandes clubes do Rio de Janeiro Fluminense, Flamengo, Botafogo e América optaram pela criação de uma nova liga, pela qual o estatuto tratou de proteger o amadorismo novamente. A Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA), determinou inicialmente que o “critério olímpico” para definir a equipe rebaixada permaneceria sendo a do clube que mais praticasse modalidades olímpicas³⁴, substituindo o confronto direto, além da exigência de centros de treinamentos próprios, dando ampla vantagem aos grandes clubes³⁵.

Isso dava uma clara demonstração do que era a AMEA: uma manutenção do amadorismo dos grandes clubes, sob os moldes de exclusão social e racial. Uma prova desse fato veio quando o Vasco aceitou essas primeiras condições pelo desejo de se consolidar como um grande clube da capital, mas em seguida os grandes clubes aplicam novas regras ao estatuto, definindo as profissões que os jogadores da liga tinham de ter. Um critério muito mais rigoroso que o da LMDT, que proibia a inscrição de atletas com empregos subalternos³⁶, como motoristas e contínuos, além dos analfabetos, exigindo a assinatura de nome, endereço, residência e empregos atuais e anteriores, sob o risco de punição financeira aos dirigentes e jogadores que apresentassem informações falsas. Como já foi dito, os atletas do Vasco eram empregados do clube, que tinham empregos de fachada. A maioria deles era proibida pelo novo estatuto da AMEA, que impugnou a inscrição de doze jogadores do clube, fazendo com que os vascaínos voltassem atrás e não se filiassem à nova liga.

Existe um debate historiográfico acerca das reais motivações dos grandes clubes com a AMEA. Novamente trazemos Antônio Jorge Soares, que não acredita no peso da questão racial, e atribui à nova liga somente a manutenção do amadorismo em função da maneira como o Vasco driblou essa prática, utilizando como argumento as discussões entre dirigentes vascaínos com o presidente na AMEA, transcritas nos periódicos da época e que, segundo ele, não

³⁴ MALAIA, João Manuel. op. cit., p. 321.

³⁵ O critério olímpico basicamente impedia os grandes clubes de participarem do confronto direto com o campeão da segunda divisão, como aconteceu com o Fluminense em 1922 e o Botafogo em 1923.

³⁶ MALAIA. João Manuel. op. cit., p.327.

abordam a questão racial. Em sua leitura, tratava-se de uma “concorrência de mercado”³⁷, em que os grandes clubes visavam somente um maior controle sobre a liga e um maior retorno financeiro, ignorando o fato de a tentativa de retomar o controle da liga passar pela questão racial, uma vez que os outros clubes passavam a ameaçar a hegemonia deles através de jogadores pretos e pardos nos seus elencos.

Se realmente a questão racial não pesava, porque a AMEA proibia a inscrição de jogadores com empregos ditos subalternos? A própria manutenção do amadorismo é um argumento falho, já que os grandes clubes também adotavam a estratégia do emprego de fachada, do pagamento aos jogadores de forma ilegal, o “amadorismo marrom”. Isso significa que a liga queria adiar um processo que era inevitável: a profissionalização do futebol, velando suas motivações raciais pelas normas de seu estatuto.

A prática do amadorismo marrom continuaria pelos próximos dez anos, tempo que a elite adiou a discussão do profissionalismo e que retornaria com força no ano de 1933, quando novamente demonstrações veladas acerca da questão racial voltam à tona, e também a imprensa da época nos permite mostrar como o racismo era presente no futebol a medida que o negro conquistava cada vez mais espaço dentro dele, utilizando-o como instrumento de ascensão social.

³⁷ SOARES, A.J. op. cit., p. 123.

CAPÍTULO 2 – O DEBATE EM TORNO DA PROFISSIONALIZAÇÃO DO FUTEBOL CARIOCA E AS MANIFESTAÇÕES DE “RACISMO VELADO” NA IMPRENSA

A discussão sobre as aberturas e interdições a jogadores negros no meio futebolístico do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX levanta possibilidades para refletirmos acerca do racismo da sociedade brasileira no pós-abolição. Como vimos no capítulo anterior, o futebol permitiu que homens negros tivessem uma maior visibilidade em meio a uma sociedade altamente elitista e excludente, mesmo que o intuito principal dos clubes não fosse buscar uma igualdade de direito entre grupos e pessoas racializadas. No entanto, o que a memória coletiva construída sob o manto do mito da democracia racial nos traz foi justamente oposto: a ideia de que a convivência entre negros e brancos no mesmo espaço eliminaria por si a segregação e a exclusão racial.

Esse conflito de ideias nos permite fazer um paralelo entre o mito da democracia racial, criticado por autores como Abdias do Nascimento, Petrônio Domingues e Tiago de Melo Gomes³⁸, e o futebol, em demonstrações que já foram apresentadas no capítulo anterior, mas que neste serão problematizadas utilizando o ano de 1933 como pano de fundo, período em que foi discutida a profissionalização do esporte, por meio da análise de periódicos de grande circulação naquela época.³⁹

2.1 POR QUE PROFISSIONALIZAR?

Na década de 1920, o futebol já estava consolidado como um negócio no Rio de Janeiro, e os donos dos grandes clubes buscavam novas alternativas para maximizar seus lucros. A forma com as quais os clubes brasileiros lucravam na fase do amadorismo era por meio da venda de ingressos para os jogos. Com isso a demanda por jogos fora de época, isto é, antes ou depois do campeonato da AMEA, aumentou, por meio dos amistosos, ou jogos de exibição, que

³⁸ Cf. NASCIMENTO, Abdias do. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Editora Paz e Terra S/A, Rio de Janeiro, 1978; DOMINGUES, Petrônio. O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil (1889-1930) p. 116. *Dialogos Latinoamericanos*, Dinamarca, v. 10, n.10, p. 117-132, 2005; GOMES, T. M. Problemas no paraíso: a democracia racial brasileira frente à imigração afro-americana (1921). *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, v. 25, n.02, p. 307-331, 2003.

³⁹ BRASIL, Bruno. Correio da Manhã. In: bndigital.bn.gov.br/artigos/correio-da-manha/; BRASIL, Bruno. *Jornal do Brasil*. In: bndigital.bn.gov.br/artigos/jornal-do-brasil/

não se restringiam somente à capital. Clubes financiavam excursões para outras cidades, principalmente a São Paulo, com o intuito não só de fazer dinheiro rápido, mas também de gerar visibilidade para os clubes, o que servia de vitrine para a contratação de jogadores. Podemos perceber já nessa década uma mentalidade capitalista por parte desses clubes, nessa procura de divulgar o clube como marca, buscando torcedores, bons jogadores e conseqüentemente lucro.

O Vasco da Gama, em 1931, adotou uma postura mais ousada ao fazer uma excursão pela Europa, participando de jogos contra os principais clubes do continente, que ao contrário do Brasil, já haviam profissionalizado o futebol. Os jogadores europeus eram remunerados legalmente e, por se tratar de uma economia com uma moeda mais forte, ofereciam-se salários mais altos em relação aos clubes brasileiros.

Esses fatores fizeram com que a excursão vascaína tivesse um efeito contrário. Em razão do destaque de alguns de seus jogadores, os europeus ofereceram a oportunidade de os atletas defenderem seus clubes, ganhando salários maiores e legalmente. Vale lembrar que o “amadorismo marrom” era comum à época, principalmente no Vasco da Gama. Com isso o Barcelona da Espanha contratou Fausto e Jaguaré, dois atletas negros e principais jogadores do Vasco. Esse episódio acendeu o alerta para o clube de que o profissionalismo era o caminho a ser seguido para evitar que a perda de jogadores se tornasse mais comum, visto que os países vizinhos como Uruguai e Argentina também adotariam o modelo anos mais tarde⁴⁰. Aliás, quando esses dois países aderiram ao modelo, um episódio se tornou catalizador desse processo: o receio da perda de Domingos da Guia – jogador negro que atuava no Vasco em 1932 – para o futebol uruguaio, que fazia diversas propostas por meio de seus clubes.

Porém, profissionalizar o futebol significava confrontar os interesses de uma elite que era totalmente contrária ao modelo, buscando a todo tempo proteger os jogadores das classes mais altas, compostas por estudantes, engenheiros, médicos e professores brancos do aumento da entrada de jogadores sobretudo negros pertencentes às classes mais baixas, e que fazia vista grossa diante da prática do amadorismo marrom que era de conhecimento geral.

⁴⁰ O futebol argentino e uruguaio se profissionalizaram em 1931 e 1932. Cf. CABO, Alvaro do; HELAL, Ronaldo. Futebol e Identidade Nacional: imprensa uruguaia e realização do Mundial de 1930. p.3. Disponível online em: comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2010/10/cabo-e-helal-futebol-e-identidade-nacional-mundial-de-1930.pdf

2.2 PROFISSIONALISMO X AMADORISMO: OS ARGUMENTOS DE CADA UMA DAS PARTES

Além do Vasco da Gama, o Fluminense, o América e o Bangu se mobilizaram para criar uma liga profissional de futebol em 1933, sendo interessante notar o Fluminense como o único dos chamados grandes clubes a querer se profissionalizar, motivação que passava pela necessidade de montar um time mais competitivo, visto que o último título do clube havia sido em 1924. Dessa forma, assim como no final da década de 1910, a vontade de vencer do Fluminense o fazia flexibilizar práticas nitidamente discriminatórias. Como descreve Mário Filho: “com o profissionalismo não fazia mal o Fluminense botar um mulato um preto no *team*, contanto que fosse um grande jogador”⁴¹. A força do clube – um dos mais, ou senão o mais elitista da cidade - do lado dos ditos “profissionais” seria de suma importância para a consolidação da nova liga.

O debate em torno da possibilidade do profissionalismo rapidamente tomou conta dos periódicos da época. Para esta pesquisa, analisamos os argumentos apresentados por amadoristas e profissionais nos periódicos *Jornal do Brasil*, *Correio da Manhã* – dois dos jornais de maior circulação no Rio de Janeiro e contrários à profissionalização do futebol – e o *Jornal dos Sports*, periódico do jornalista Mário Filho, dedicado inteiramente a assuntos esportivos e a favor da profissionalização⁴².

O *Jornal do Brasil* publicou uma série de reportagens intituladas “A praga do profissionalismo no *football* carioca”, deixando claro desde o princípio o lado que iria apoiar, excluindo qualquer opinião contrária. Em todas as edições analisadas, não foi encontrado nenhum depoimento de pessoas a favor da profissionalização, e sim diversos depoimentos de dirigentes, jogadores, ex-jogadores e colunas de jornalistas, todos em defesa do amadorismo.

O principal argumento da imprensa amadorista é que a profissionalização não seria possível unicamente pela falta de dinheiro. No início do ano de 1933, quando os quatro clubes criam a Liga Carioca de Football (LCF), o *Jornal do Brasil* os acusara de quererem transformar o esporte em “balcão de negócios”⁴³ e gastarem dinheiro que não tinham: “Profissionalismo não se faz com palavras e gestos de fanfarrão, mas com bastante dinheiro e este não ha”⁴⁴.

⁴¹ FILHO, Mário. op. cit. p.244

⁴² Os três periódicos foram consultados na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, no período de julho de 2018 a novembro de 2019. Disponível em: bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/

⁴³ *Jornal do Brasil* (RJ). Edição 26, 31/01/1933, p.17.

⁴⁴ *Jornal do Brasil* (RJ). Edição 23, 27/01/1933, p.17.

Também é interessante notar outra manchete dada pelo jornal: “o amadorismo *triumphará* sobre a *mercantilização do sport*”⁴⁵, sob o pretexto da tentativa dos clubes em mercantilizar o futebol.

O *Correio da Manhã* adotou uma posição semelhante à do *Jornal do Brasil*. Mesmo com um menor destaque dado ao futebol em seus editoriais, quando comparado aos outros dois periódicos, a questão do profissionalismo foi abordada com bastante atenção. Apesar de não declarar oficialmente o lado defendido, por não possuírem “nenhuma ligação com *clubs* ou entidades”⁴⁶, constantemente apresentou argumentos contrários ao profissionalismo, como a “falta de ambiente”⁴⁷ e a “situação financeira”⁴⁸ dos clubes, que levariam a um fracasso iminente.

O *Jornal dos Sports*, por sua vez, adotou uma abordagem diferente em relação aos outros dois periódicos. Contando com a média de quatro páginas dedicadas somente aos esportes do país, o diferencial desse periódico está nas entrevistas dos jogadores de clubes amadoristas e profissionais, apresentando o argumento de cada um deles. Nele também é possível acompanhar discussões entre dirigentes e jogadores, que se acusam entre si, assim como reportagens de defesa do próprio jornal em relação a outros, principalmente em relação ao *Jornal do Brasil*. Assumidamente a favor do profissionalismo, esse periódico foi importante para entendermos o discurso daqueles que eram favoráveis a mudança e para compararmos as narrativas de cada periódico à medida que os fatos iam acontecendo.

Na chave do que se convencionou chamar de “racismo sutil”, a questão racial não aparece de maneira explícita nas reportagens dos periódicos. Isso, por certo, poderia levar a crer que as dinâmicas de racialização e discriminação não tinham relevância durante a discussão em torno da profissionalização. Mas é preciso considerar as especificidades do racismo brasileiro e como certas escolhas afetavam sujeitos específicos. Dado o contexto do futebol carioca da época, a defesa do amadorismo significava a proteção da elite dentro do meio futebolístico, já consolidado como o esporte mais popular entre todas as classes da população. Naquele momento o esporte estava se tornando um negócio, reflexo do crescente capitalismo nas grandes cidades do país. Junto a essa mudança, o futebol trazia consigo a oportunidade de jogadores negros assumirem o protagonismo no esporte, que ia perdendo suas características elitistas a

⁴⁵ *Jornal do Brasil* (RJ). Edição 47, 24/02/1933, p. 17.

⁴⁶ *Correio da Manhã* (RJ). Edição 11691, 14/01/1933, p. 11.

⁴⁷ *Ibid.*

⁴⁸ *Ibid.*

cada dia que passava. É através dessa contextualização que podemos perceber como o racismo era operado e teve importância nesse processo.

2.3 O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL E O FUTEBOL CARIOCA

Nas primeiras décadas do século XX, o Brasil era uma recém-formada República, havendo um misto de desejos de rupturas e continuidades em relação ao período imperial, formalmente encerrado em 1889. As práticas de marginalização contra a população negra nas cidades já ocorriam muito antes do início da república. Sidney Chalhoub aponta a verdadeira operação de guerra do governo do Rio de Janeiro junto à polícia para dar fim aos cortiços da capital já em 1893⁴⁹, sempre de maneira truculenta, portando armas para expulsar os residentes, sem qualquer preocupação com o paradeiro daquelas pessoas. No início da República, o projeto de exclusão dos negros continuou por meio da negação dessa população enquanto cidadãos brasileiros, através de uma Constituição que restringiu o direito ao voto dos analfabetos⁵⁰ - que eram em sua maioria negros – através de um governo dominado pelos mesmos latifundiários que escravizaram essa população por quase quatrocentos anos.

Nenhuma política compensatória foi adotada nos anos seguintes, ocorrendo na verdade o contrário, a aplicação da política claramente racista da imigração europeia, numa tentativa de “branquear” a população e acabando por acentuar ainda mais as desigualdades entre raças. Benchimol destaca como o projeto de urbanização da capital na década de 1900 foi além da derrubada dos cortiços, passando pela proibição de festas populares e sagradas como o carnaval, o São João e o candomblé⁵¹ - espaços de manifestação da cultura negra - tal como a proibição do comércio nas ruas, já citada no capítulo anterior.

A política de branqueamento do governo republicano foi apoiada pelas correntes intelectuais da época, compostas por nomes como Nina Rodrigues, Sylvio Romero e Euclides da Cunha por exemplo, que buscavam uma resposta para o “atraso social” da sociedade brasileira, atribuindo essa “culpa” aos não brancos e tratando a miscigenação como uma

⁴⁹ CHALHOUB, Sidney. op cit., p. 15.

⁵⁰ RESENDE, M. E. L. . O processo político na Primeira República e o Liberalismo Oligárquico. p. 90. In: NEVES, L. A.; FERREIRA, J. (Org.). *O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente*. Belo Horizonte: Civilização Brasileira, 2003, v. V.1, p. 89-120.

⁵¹ BENCHIMOL, Jaime Larry. op. cit., p.264.

desvantagem evolutiva⁵², baseando-se na pretensa superioridade racial dos brancos em relação a eles, a partir de argumentos pseudocientíficos, numa tentativa de naturalizar as desigualdades sociais entre as raças e reproduzir o pensamento senhorial ao restante da população.

No início da década de 1930, o racismo científico é ressignificado em novas teorias acerca da formação sociorracial brasileira, havendo uma tendência de valorizar a miscigenação como algo redentor, numa tentativa de buscar a afirmação de uma identidade nacional em que o afro-brasileiro teria um papel positivo. As imagens construídas em diversos espaços, incluindo a literatura, através da chave mestiçagem, fomentaram uma falsa impressão de harmonia racial. No entanto, o que se via tinha mais a ver com a atualização do pensamento elitista, dessa vez sob um discurso moldado nos conceitos de cultura e caráter.

O exemplo mais comum a ilustrar essa tendência é a obra *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, que se debruça sobre esses conceitos para tentar definir as particularidades do povo brasileiro, utilizando a miscigenação como um elemento apaziguador entre as raças. A aceitação desse discurso, presente em diversas obras literárias no decorrer do século – entre elas *O negro no futebol brasileiro* – vai ser decisiva para reforçar o mito da democracia racial.

A democracia racial parte do pressuposto da vigência da igualdade racial, numa sociedade desprovida de qualquer barreira legal ou institucional, sem manifestações de preconceito ou discriminação⁵³. No Brasil essa democracia sempre foi um mito, pois foi construída pelos grupos dominantes e adentrou o imaginário da sociedade, impulsionada pelas narrativas literárias e o racismo científico descritos acima, e pelo processo de mestiçagem, devido ao fato da violação sexual dos corpos negros ser confundida com uma aceitação da pessoa e cultura por parte dos brancos. Petrônio Domingues⁵⁴ e Thomas Skidmore⁵⁵ concordam que o mito da democracia racial foi benéfico para a elite dominante do Brasil, fazendo com que o país escapasse de comparações com o racismo praticado nos Estados Unidos, e dessa forma pudesse negá-lo.

⁵² VENTURA, Roberto. Um Brasil mestiço: raça e cultura na passagem da monarquia à república. p. 332. In: Carlos Guilherme Mota. (Org.). *Viagem incompleta: A experiência brasileira (1500-2000)*. São Paulo: Senac, 2000, v. 1, p. 329-359.

⁵³ DOMINGUES, Petrônio. O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil (1889-1930) p. 116. *Dialogos Latinoamericanos*, Dinamarca, v. 10, n.10, p. 117-132, 2005.

⁵⁴ Ibid.

⁵⁵ SKIDMORE, Thomas E. Fato e Mito: descobrindo um problema racial no Brasil. In: *Caderno de Pesquisa n. 79*, p. 5-16, São Paulo, 1991.

Tiago de Melo Gomes também destaca que a comparação entre a situação racial brasileira com a estadunidense servia para legitimar a ideia de um país sem preconceito racial: “as classes dominantes criaram o mito de que o Brasil é um país desprovido de discriminação racial, o que seria provado pela escravidão mais “branda” que em outros países”⁵⁶. As perseguições e linchamentos que os negros sofriam nos Estados Unidos eram noticiadas nos periódicos brasileiros, dando a entender que as relações raciais no Brasil eram pacíficas por não existir casos de violência parecidos⁵⁷, ou por não serem noticiados em grandes veículos de informação. Karl Monsma publicou um estudo que indica casos de linchamento no oeste paulista pouco tempo depois da abolição, ainda que em número muito menor em relação aos Estados Unidos, porém com características parecidas com os casos estadunidenses e que tiveram grande repercussão no âmbito local⁵⁸. A impressão de harmonia racial era perpetuada também nos países estrangeiros, desde os tempos da escravidão, por meio dos viajantes que se surpreendiam com a divisão de certos espaços por negros e brancos, o que tornava a opinião geral estrangeira favorável ao país⁵⁹.

Dessa forma, as manifestações de racismo no Brasil não aconteciam de forma explícita, ou seja, a violência não era usada e não era bem vista pela elite, ainda que ela buscasse maneiras de impedir a perpetuação da população negra no país. Gomes mostra que em 1921, parlamentares brasileiros proibiram um projeto estadunidense que previa a imigração de um grupo de afro-americanos ao país⁶⁰, sob a justificativa da nacionalidade, isto é, de que aquelas pessoas negras trariam consigo os problemas raciais estadunidenses para se perpetuarem no Brasil, mostrando todo o cuidado da elite brasileira em não demonstrar manifestações explícitas de racismo, para preservar a imagem de uma pátria sem preconceitos. Esse pensamento nos ajuda a entender como o caso dos linchamentos trazidos por Monsma não tiveram grande repercussão em boa parte da imprensa do país por exemplo.

No futebol do início do século XX, o mito da democracia racial teve um solo bastante fértil. Quando nos indagamos sobre como foi construído esse imaginário de presumida

⁵⁶ GOMES, T.M. Afro-brasileiros e a construção da ideia de democracia racial nos anos 1920. p. 36-37. *Linhas (UDESC)*, v. 8, p. 36-53, 2007.

⁵⁷ *Ibid.*, p. 42.

⁵⁸ MONSMA, Karl. Linchamentos raciais no pós-abolição: uma análise de alguns casos excepcionais do oeste paulista. In: Flávio Gomes; Petrônio Domingues. (Org.). *Políticas da raça: Experiências e legados da abolição e da pós-emancipação no Brasil*. 1ed. São Paulo: Editora Selo Negro, 2014, p. 195-210.

⁵⁹ AGASSIZ, Luis; AGASSIZ, Elizabeth C.. *Viagem ao Brasil (1865-1866)*. Coleção o Brasil Visto pelos Estrangeiros. Senado Federal, 2000. p. 68.

⁶⁰ GOMES, T. M. Problemas no paraíso: a democracia racial brasileira frente à imigração afro-americana (1921). *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, v. 25, n.02, p. 307-331, 2003.

igualdade entre raças, somos levados a problematizar as manifestações do chamado racismo velado, em especial no esforço para evitar manifestações polêmicas explícitas de racismo. Quando analisamos determinadas trajetórias individuais, temos exemplos claros disso. Entre esses, o caso de Artur Friedenreich, um dos atletas de maior sucesso durante a década de 1910, nos mostra como a mentalidade racista atuava na questão da aparência:

Friedenreich, de olhos verdes, um leve tom de azeitona no rosto moreno, podia passar se não fosse o cabelo. O cabelo farto, mas duro, rebelde. Friedenreich levava, pelo menos, meia hora amansando o cabelo. Primeiro untava o cabelo de brilhantina. Depois com o pente, puxava o cabelo para trás. O cabelo não cedendo ao pente, não se deitando na cabeça, querendo se levantar.⁶¹

A figura de Friedenreich é fruto do resultado da política de imigração e branqueamento promovida pelas elites. Descendente de imigrantes alemães, ele nos mostra como a associação com o negro naquele período era vista como uma desvantagem, algo ruim. Sugere ainda que a associação ao branco lhe permitia um diferente tipo de tratamento no meio social e, dessa forma, demonstra uma manifestação racista ali presente. Esse caso, ao marcar uma tendência, é um dos pilares do genocídio da população negra apresentado por Abdias do Nascimento, sendo a mestiçagem uma forma de frear o crescimento da população negra e associar o imaginário do mulato à aceitação de suas características brancas e a negação de suas origens negras⁶². Por isso a comparação do branqueamento com a mutilação dos corpos negros. Ao se tornar um traço da cultura nacional, a perpetuação desse discurso ocorria até mesmo entre a própria população negra, fazendo com que movimentos pela busca de igualdade de direitos entre si fossem colocados em xeque a todo o momento⁶³.

Também podemos tomar como exemplo o caso de Domingos da Guia, um dos primeiros jogadores negros a assumir protagonismo no futebol em nível nacional⁶⁴ na década de 1930. Em depoimento trazido por Leonardo A. M. Pereira, ele afirma que o futebol já era visto como uma possibilidade de melhoria de vida, principalmente para os negros do subúrbio da capital: “o interesse pelo futebol em princípio foi pela necessidade [...] o jogador de futebol se fazia na vida financeiramente”⁶⁵. Como prova dos benefícios financeiros do futebol, Pereira apresenta

⁶¹ FILHO, Mário. op. cit., p. 59.

⁶² NASCIMENTO, Abdias do. *O genocídio do negro brasileiro*. Editora Paz e Terra S/A, Rio de Janeiro, 1978. p. 69.

⁶³ DOMINGUES, Petrônio. op. cit., p. 118.

⁶⁴ Domingos foi um dos futebolistas brasileiros de maior destaque durante a década de 1930. No ano de 1933, sua popularidade era fruto da conquista da Copa Rio Branco vencida pelo selecionado brasileiro contra o uruguaio, em partida realizada no Rio de Janeiro em 1931.

⁶⁵ PEREIRA, L. A. M. Domingos do Brasil: futebol, raça e nacionalidade na trajetória de um herói do Estado Novo. p.197. *Locus* (Juiz de Fora), v. 13, p. 193-213, 2007.

o salário recebido por ele em 1932 quando atuava pelo Vasco da Gama: Domingos recebeu 5:000\$000 somente pela sua transferência ao clube, além de mais 500\$000 que seriam recebidos mensalmente. Os salários mensais de operários de fábricas – profissão exercida pela grande maioria dos jogadores de baixa renda - no Rio de Janeiro em 1931, variavam de 80\$000 a 162\$500, a depender da função ocupada nessas fábricas⁶⁶. A enorme diferença salarial mostra como o futebol era uma oportunidade para os jogadores ascenderem financeiramente, antes mesmo da profissionalização do esporte.

Mais do que uma grande remuneração, o salário mostra que jogadores eram pagos durante o período do amadorismo marrom, e que os clubes tinham condições de pagar seus jogadores, desmontando o argumento da incapacidade de arcar com salários defendido pelos amadoristas. A partir do relato de Domingos, já observamos duas contradições nos argumentos amadoristas, fomentando ainda mais a ideia do peso da questão racial na profissionalização em função da regulamentação dos salários e da crescente ocupação desses espaços por jogadores negros.

2.4 MANIFESTAÇÕES DO RACISMO VELADO NA IMPRENSA

2.4.1 O aspecto financeiro

O argumento da falta de condições financeiras defendido por parte da imprensa carioca além de ser contraditório, expressa outras motivações para a defesa do amadorismo. Em uma de suas matérias, o *Jornal do Brasil* fez um cálculo estimando de quanto o Fluminense pagaria a um só de seus jogadores caso a profissionalização do futebol acontecesse, para provar que o aumento das despesas levaria o clube a falência:

Ahi vae a prova: 20 jogos gastarão vinte domingos ou sejam cinco mezes correspondente a 5:000\$000 pela ‘temporada’ o que é o mesmo que pagar 416\$666 por mez. [...]

[...] já prevendo a fallencia do regimen pois estão quasi afogados de dividas, o contrato está redigido de tal forma que o jogador, devido ao pacto secreto que os quatro clubs firmaram, de uns não “avançarem” nos jogadores dos outros, depois de perdida a sua qualidade de amador poderão ter reduzidos os seus salários quando tiver de ser renovado o contrato.⁶⁷

⁶⁶ MALAIA, João Manuel. op. cit., p. 473. Foi feita uma estimativa entre o cargo que recebia o menor salário (bobineiro) e o maior salário (engomador), caso esses trabalhadores trabalhassem 25 dias no mês.

⁶⁷ *Jornal do Brasil* (RJ). Edição 47, 24/02/1933, p. 17.

O que o jornal ignorava nessa colocação é que esse pagamento já era realizado, por meio dos “bichos”, mas que quando regularizados, seriam feitos por mês e não mais por partida jogada. João Manuel Malaia nos traz mais um fator não abordado pelo jornal, a saber, que essas despesas já eram registradas em itens como materiais esportivos, passagens, transportes e alimentação, de modo que os clubes supervalorizavam os valores desses itens para mascarar o pagamento irregular feito aos jogadores: “o gasto com material esportivo naquele ano foi muito alto 11:985\$300, o suficiente para comprar 200 bolas oficiais da marca Gregori”⁶⁸. O autor ainda aponta que o Vasco, por exemplo, praticava o que ele chama de ajuda de custo, onde o clube fazia donativos individuais a seus jogadores, variando entre 165\$000 e 330\$000⁶⁹, quantias maiores em relação aos salários médios recebidos por operários no mesmo período. A própria abordagem feita pelo jornal no final da passagem sugere que os jogadores já estavam sendo pagos. Afinal, como haveria uma redução salarial depois que o jogador se tornasse profissional se no amadorismo não era permitido remunerações financeiras?

A falta de dinheiro também pode ser questionada através da própria evolução do futebol como empreendimento, justamente o que os amadoristas tentavam frear. No início desse capítulo destacamos as crescentes viagens interestaduais e internacionais dos clubes para divulgá-los enquanto marcas. Esse fator é explícito através da modernização dos estádios de futebol e até mesmo das construções de novos, utilizando como exemplo o Estádio São Januário do Vasco da Gama, que era até aquele período o maior do país em capacidade e alavancou ainda mais a receita do clube com a venda de ingressos⁷⁰.

O argumento financeiro continuou sendo reafirmado pelo *Jornal do Brasil* e o *Correio da Manhã*, ao passo em que o *Jornal dos Sports* publicava entrevistas com jogadores dos clubes da AMEA. Essas servem mais uma vez para contrariar os argumentos amadoristas. Em entrevista publicada em janeiro de 1933, Ennes Teixeira, jogador do América – um dos quatro clubes a se posicionar a favor do profissionalismo – deu a sua opinião a respeito da discussão, ironizando o amadorismo:

Não posso compreender a razão da campanha de oposição que se pretende mover contra o profissionalismo. É sabido que todos os clubes, sem exceção, dispõem elevadas quantias com os jogadores. A remuneração não é feita, quase sempre, diretamente, mas faz sentir os seus efeitos. Ela vem por meio do clássico “bicho”, do terno de roupa, do chapéu, do aluguel da casa e até... da colocação de dentaduras!

⁶⁸ MALAIA, João Manuel. op. cit., p. 254.

⁶⁹ MALAIA, João Manuel. op. cit., p. 255.

⁷⁰ Ibid., p. 361.

Ora, eu que venho observando o meio há longos anos, acho muita graça quando falam em manter o “amadorismo” ...

É tão ínfimo o numero dos que podem julgar verdadeiros amadores... [...] ⁷¹

A entrevista de Ennes Teixeira reforça o fato de o pagamento aos jogadores ser feito por meio indiretos, e de custos com o jogadores que não eram, ou não faziam questão de ser contabilizados pela imprensa amadorista, como as roupas e até mesmo alugueis de casas, que Teixeira aponta ser uma prática cotidiana, colocando em dúvida novamente a falta do poderio financeiro dos clubes.

Das entrevistas analisadas nessa pesquisa, uma das mais curiosas é a do Dr. Leite de Castro, membro do Conselho Deliberativo do Botafogo. Para ele, o futebol vivia há muito tempo um “profissionalismo venal”, por conta da prática dos “bichos”. Em seguida, expõe toda a ambiguidade dos argumentos amadoristas:

[...] De algumas centenas de jogadores de 1º teams, difficilmente pode-se destacar uma dezena de amadores puros. Todos levam dinheiro e todos assim não passam de profissionaes legítimos. Não bastando o falado “bicho” que em alguns clubs dá renda superior à 300\$000, temos quase que como praxe o ordenado á guiza de despesas eventuais figurando nos balancetes annuaes das tesourarias... O ambiente actual é de franca desmoralização e, antes do início dos campeonatos, cogitam os jogadores do quanto podem perceber com “bichos” e outros expedientes menos lícitos.

O AMADORISMO DE HOJE

Os que defendem o regime do amadorismo – prossegue o dr. Leite de Castro – trazem á baila, como argumento a inoportunidade do momento. Acham que a ocasião para o profissionalismo não é ainda própria, porque o futebol não comporta despesas extraordinárias. [...] Assim veio á tona da discussão, o argumento fragil de que o profissionalismo vem ferir a reputação do sport nacional! Quanta desfarçatez! Então, será crível que um regimen de honestidade e de lisura venha macular a pureza de sentimentos das directorias dos clubs?⁷²

Dr. Leite de Castro reforça nessa entrevista os argumentos de Ennes Teixeira, ao concordar com o jogador que as condições de um futebol profissional já aconteciam há bastante tempo por conta dos “bichos”, a ponto de parte dos jogadores cogitarem o quanto podem ou não receber. Através do relato do dirigente também podemos sustentar a colocação de João Manuel Malaia sobre a prática de esconder tais pagamentos por meio da supervalorização de despesas feitas nas tesourarias dos clubes.

⁷¹ *Jornal dos Sports* (RJ). Edição 575. 21/01/1933, p.4.

⁷² *Jornal dos Sports* (RJ). Edição 578. 25/01/1933, p. 4.

É interessante notar que esse discurso vem de um dirigente de um dos clubes que se posicionou contra a profissionalização, sugerindo que mesmo dentro dos clubes ditos amadoristas não havia uma unanimidade acerca da questão. E isso se dava não só entre dirigentes, mas também entre os próprios jogadores. Naquela mesma edição do *Jornal do Sports*, encontramos a entrevista de Rubens, capitão do Flamengo – clube também contrário a profissionalização – dizendo que não se envergonharia caso se tornasse profissional, pois considerava “um meio de vida honesto”⁷³. Outra passagem que merece destaque é quando Leite de Castro aponta o outro discurso sobre o qual os amadoristas se debruçaram ao longo da discussão no decorrer dos meses: a associação do profissionalismo à desmoralização do esporte, que o dirigente classifica como frágil, pois para ele a reputação pela qual os amadoristas dizem prezar já não existe há muito tempo em função dos “bichos”.

2.4.2 O saudosismo e o argumento da desmoralização

Para defender o argumento da “desmoralização”, a imprensa amadorista apresentou uma série de matérias ao longo dos meses em que a criação da LCF era discutida. Nesses textos, podemos avistar como o saudosismo encobria ranços racistas, através de um sentimento de valorização do futebol praticado na primeira década do século, em que a presença negra era efetivamente interdita.

É importante ressaltar que o saudosismo não surge no momento de debate a respeito da profissionalização. Durante a década de 1910, o sentimento já era utilizado como artifício para tentar impedir a popularização do esporte entre as camadas sociais mais baixas e a inserção dessa parcela nos clubes da elite do Rio de Janeiro. Leonardo de Affonso Pereira⁷⁴ produziu um artigo sobre Marcos Mendonça, goleiro do Fluminense durante aquela época que resolveu se aposentar dos gramados em virtude do rumo que o futebol estava tomando:

A grande popularização do jogo acirrava a disputa entre os diferentes clubes, obrigando-os a abrir lugar para os jogadores que não tinham mais o mesmo perfil econômico, social e até racial dos primeiros anos do jogo da bola no Brasil. Ao invés de associados dos clubes, os campos são tomados por indivíduos de classes pobres que tinham no futebol um meio de sobrevivência e uma fonte de prestígio. Lamentando a mudança, Marcos falava com saudades de seus primeiros tempos no futebol, quando a presença de dois mil torcedores já era “um grande sucesso de público”: “A gente pagava para jogar. O

⁷³ *Jornal dos Sports* (RJ). Edição 578. 25/01/1933, p. 4.

⁷⁴ PEREIRA, L. A. M.. Pelos campos da nação: Um goal-keeper nos primeiros anos do futebol brasileiro. *Revista de Estudos Históricos*, v. 10, n.19, p. 23-40, 1997.

clube só entrava com a bola e as instalações. Chuteira, meia, camisa, todo o material, era o atleta que comprava. Eu pagava uma mensalidade de cinco mil réis.⁷⁵

Marcos Mendonça já em 1919 dava sinais do que o futebol estava se tornando, sendo um exemplo de como a elite praticante do esporte não via com bons olhos a entrada cada vez maior de jogadores e também torcedores das classes mais pobres e, por certos, negros. É o esporte restrito a elite, onde seus participantes pagam para jogar, um *hobby*, que os amadoristas classificam com os bons tempos do futebol. Mas, apesar das diversas tentativas de conter esse avanço, o profissionalismo era inevitável.

O *Jornal do Brasil* publica em fevereiro de 1933 uma entrevista com o Sr. Carlos Martins, diretor amadorista botafoguense que revela os mesmos argumentos supracitados e outros mais, questionando a suposta moralização que o profissionalismo iria trazer:

Moralizar! Que boa moralização!

O significado de moralizar é ainda o de – tornar bons os costumes – elevando-os, corrigindo-os, restituindo-os. Jamais se viu em qualquer campo da humanidade – porque alguns elementos não tenham bom comportamento – sejam dissolutos – desvirtuados ou infeciosos – todos os demais sejam obrigados também a ser, para que se extirpe o mal!

Desmoralizar sim, porque os bons elementos, os que têm instrução, os que podem ganhar a vida em outros misteres o abandonarão, deixando o campo entregue aos incultos, aqueles que não poderão ganhar a vida de outra maneira.⁷⁶

O diretor considera a profissionalização uma atitude desmoralizante por querer tornar o futebol um esporte pior, devido ao fato de a mudança representar um aumento ainda maior de jogadores de baixa renda nos grandes clubes, a ponto de os “bons elementos” abandonarem o esporte. É interessante notar que ele não aponta a incapacidade financeira tão defendida pela imprensa, demonstrando as reais motivações para evitar o processo: a tentativa de manutenção do elitismo no esporte.

Os termos pejorativos utilizados pelo diretor, “desvirtuados”, “infeciosos”, “incultos”, são aqueles dotados de uma carga racista e racista, referindo-se a jogadores estranhos às elites, por serem pobres e negros, dando a entender que o esporte não teria espaço para pessoas com essa espécie de “defeito”. Esses termos expressam o que aprendemos a chamar de “racismo velado”, expressão do contexto social e político vivido na capital brasileira, do viés ideológico construído pelos pensadores da elite daquela época, um desdobramento do racismo científico.

⁷⁵ PEREIRA, L. A. M.. op. cit., p. 34.

⁷⁶ *Jornal do Brasil* (RJ), Edição 45, 22/02/1933, p.20

Ainda nessa mesma matéria, Martins apresentaria a justificativa da mudança do sentimento, que passaria da vontade de jogar futebol pelo prazer para a vontade de jogar pela “maior oferta”⁷⁷, em detrimento da lealdade do jogador a um só clube durante sua carreira. Os amadoristas acreditavam que com isso a competitividade entre os atletas diminuiria a ponto de tornar o esporte um “méro espetáculo desinteressante”⁷⁸, ignorando o fato de a troca de clubes já ser comum naquele momento.

À medida que os meses passavam, a LCF ia tomando forma e ganhando apoio em São Paulo, da Associação Paulista de Esportes Athleticos (APEA), enquanto a AMEA procurava formas de se manter como principal associação de futebol na capital, blindando os clubes participantes e excluindo os quatro clubes idealizadores do profissionalismo, onde cada ação da AMEA era noticiada como uma fonte de esperança aos amadoristas.

Ao mesmo tempo, o discurso da imprensa se tornava mais agressivo e a discriminação mais perceptível. A título de ilustração, o redator do *Correio da Manhã* Luiz Vianna afirmou em um discurso que o futebol não poderia ser profissão para “parias e malandros”⁷⁹, e sim dos “médicos ilustres, juizes, banqueiros, advogados e engenheiros” que o futebol formou, dando uma falsa sensação de que o esporte contribui na carreira fora dos gramados desses ex-atletas, e demonstrando o interesse em impedir atletas de baixa renda de se remunerarem legalmente no esporte. Esse último aspecto foi reforçado na palestra de Paulo Camongia a Rádio Guanabara, afirmando que o profissionalismo tinha como intuito dar “meio de vida a um punhado de ‘sem trabalho’”⁸⁰. Tais discursos indicam que a remuneração feita aos atletas de baixa renda permitia uma ascensão social.

Esse discurso racista passa a ser associado aos motivos pelos quais o futebol carioca estava em decadência, em novas demonstrações de saudosismo. Nesse cenário, o *Jornal do Brasil* publicou, em seus editoriais denominados “O Momento Desportivo”, demonstrações claras disso:

O profissionalismo representa a decadência do nosso football, a derrocada criminosa de um idealismo são, estuante de vida, posto em pratica, entre nós, com êxito o orgulho, para o desenvolvimento físico da nossa mocidade.

A sua implantação reflete, a triste expressão de um declínio sensível no nosso meio desportivo.

⁷⁷ *Jornal do Brasil* (RJ), Edição 45, 22/02/1933, p.20.

⁷⁸ *Correio da Manhã* (RJ), Edição 11741, 15/03/1933, p.8

⁷⁹ *Jornal do Brasil* (RJ), Edição 65, 19/03/1933, p. 16.

⁸⁰ *Jornal do Brasil* (RJ), Edição 67, 21/03/1933, p. 16.

Trata-se do desvirtuamento inconcebível de uma escola de educação o civismo, que so quer transformar no mais grosseiro agrupamento de vadios. [...]

[...] Amadorismo tem como base o principio a cultura racial e cívica, enquanto profissionalismo, é arregimentação de ociosos, inuteis á sociedade, que vivem do pés, negando-se a si mesmo, capacidade para ganhar a vida com a superioridade natural comum dos homens.⁸¹

Nota-se a associação do futebol amador aos valores cívicos, responsável prioritariamente ao desenvolvimento físico e racional de seus praticantes, ao lazer. No momento em que o jornal condena a entrada de jogadores de outras classes sociais, os ditos “ociosos”, “vadios” e “inúteis”, defende-se que os valores trazidos por eles corrompem aqueles pré-existentes. Esses termos indicam uma associação dos futebolistas de baixa renda aos chamados “mendigos e ébrios” descritos no capítulo XII do Código Penal da República de 1890⁸², que previa multas e prisões para aqueles que praticassem o ato de “mendigar”. Dessa forma, é notável uma tentativa de tipificar um perfil sócio-racial desses sujeitos, através de um pensamento carregado pelos ideais do início do século XX, que via a herança africana como algo ruim, prejudicial, nocivo. Também podemos notar outra marca desse pensamento racista quando o autor da matéria afirma que esses atletas recorrem ao futebol por opção, ou seja, como se a sociedade daquela época oferecesse outras oportunidades melhores do que a prática do esporte, indo de encontro ao que Petrônio Domingues discute a respeito da construção de um imaginário do negro ser o único culpado pelo seu fracasso, pela sua posição na sociedade⁸³.

Em outro editorial de “O Momento Desportivo”, o discurso da desmoralização não se restringia somente ao futebol, mas também a sociedade como um todo:

O profissional é um indivíduo que se torna nocivo à sociedade.

É um inutilizado pela falta de trabalho, porque o jogo, como tal, apenas mascara deturpa, finge.

É a despreocupação, a ociosidade, a vadiagem.

O jogador que se profissionaliza, afasta-se da comunhão social e profícua.

Viciado a não trabalhar mas, somente a jogar, esteriliza-se, embrutecendo seu cérebro. [...]

[...] Habitua-se a viver como um pária, tendente aos erros da contingência humana. Manieta-se. Desgraça-se. Aniquila-se. A causa maléfica do profissionalismo é enorme.⁸⁴

⁸¹ *Jornal do Brasil* (RJ). Edição 83. 08/04/1933, p. 18.

⁸² Código Penal dos Estados Unidos do Brazil, 1890. Capítulo XII, artigos 391-399.

⁸³ DOMINGUES, Petrônio. Op cit, p. 116.

⁸⁴ *Jornal do Brasil* (RJ). Edição 74. 29/03/1933, p.16.

Subentende-se que a entrada de pretos e pardos e sua consequente ascensão social se torna um perigo à sociedade devido até mesmo à difusão dos valores negros, considerados nocivos pelos amadoristas, corroborando novamente o pensamento da associação de indivíduos negros com algo maléfico. Além disso, argumentam que o trabalho dedicado somente ao esporte não desenvolveria a mente do atleta, e sim “embruteceria”, o que na verdade é uma contradição, pois os empregos dos atletas que vão se profissionalizar são em sua grande maioria braçais, dentro das indústrias e do comércio, e não estudantes, médicos e advogados como a elite praticante. Esse fato atesta uma falsa preocupação, uma adequação do discurso voltado ao real interesse dos amadoristas: um esforço para a manutenção do regime que protege o jogo voltado ao lazer das elites e que se recusava a aceitar a evolução do jogo e sua transformação em comércio e palco para entrada de jogadores excluídos pela sociedade.

Mesmo com a tentativa da AMEA e da imprensa amadorista de frear o processo de profissionalização, os clubes da LCF faziam uma grande movimentação na contratação de novos jogadores, tornando suas equipes cada vez mais fortes. O Vasco contratou Fausto e Jaguaré, justamente os jogadores que eles haviam perdido dois anos antes para o futebol espanhol, exemplo de que o regime favorecia a competição dos clubes brasileiros com os estrangeiros. Em abril de 1933, é disputada a primeira partida da LCF entre Vasco e América, liga que contaria em um primeiro momento com os quatro clubes idealizadores, e com o Bonsucesso, que se juntou à liga enquanto ela estava sendo formada. Os clubes idealizadores buscavam poucos times no torneio para possibilitar excursões interestaduais e internacionais no decorrer do ano⁸⁵, demonstrando que a prática gerava lucros a eles. Com o início do profissionalismo, o argumento da imprensa amadorista mudou de tom, o que serve para fazer novas reflexões acerca da questão racial naquele período.

⁸⁵ *Jornal dos Sports* (RJ). Edição 599. 18/02/1933, p. 1.

CAPÍTULO 3 - A CONSOLIDAÇÃO DO PROFISSIONALISMO: MUDANÇAS E CONTINUIDADES

Com o início do campeonato da Liga Carioca de Football (LCF), em abril de 1933, estava consolidado o profissionalismo do futebol do Rio de Janeiro, mesmo com o campeonato da Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA) sendo disputado em paralelo. O que foi visto na imprensa esportiva amadorista, que tanto atacou a mudança do regime durante os quatro primeiros meses do ano de 1933, foi uma mudança no teor de seu discurso. Ainda que o saudosismo se mantivesse, deixava de conter ataques diretos a atletas e dirigentes, passando a uma postura mais irônica, buscando sempre apontar os defeitos do profissionalismo e compará-los aos “bons tempos” do amadorismo.

Essa mudança abre precedentes para discutirmos as ambiguidades presentes nos argumentos tão seriamente defendidos durante a formação da LCF e servem para entendermos o que alguns significados das mudanças advindas do profissionalismo no futebol carioca. Também será analisado como a ideia da democracia racial passa a agir nesse novo contexto, e como novos fatores surgem nesse período. Importa notar em que medida o profissionalismo serviu para abalar barreiras raciais, mas não o suficiente para eliminar o racismo no meio futebolístico.

3.1 A MUDANÇA DO DISCURSO: TOM DE DERROTA

A partir do momento em que é disputada a primeira partida da LCF, a imprensa amadorista abandona grande parte dos argumentos utilizados para atacar o profissionalismo e declará-lo desmoralizante, principalmente a respeito da falência dos clubes, apontada como inevitável. A própria discussão passa a ser colocada de lado pelos periódicos.

No dia da partida inaugural entre Vasco e América, no estádio São Januário, na tarde do dia 2 de abril de 1933, por exemplo, o confronto nem sequer foi noticiado pelo *Jornal do Brasil*, que, em vez disso, deu maior destaque ao turfe e a uma partida entre “pretos e brancos” no bairro do Andaraí, como atração de um festival de homenagem à cultura italiana: “o principal *attractivo*

do festival será a revanche, que deverá ser sensacional, entre os combinados de jogadores Pretos e Brancos [...] Este *match* por si só, garantirá o êxito da festa [...]”⁸⁶. Por sua vez, no *Jornal dos Sports*, periódico favorável ao profissionalismo, a partida recebeu o maior destaque da capa, tratada com grande entusiasmo, sendo descrita como “sensacional” e dotada de aspectos “magníficos”⁸⁷.

O mesmo tratamento se deu quanto à repercussão da partida. O *Jornal do Brasil* somente na terça-feira tratou do confronto, referindo-se tão somente ao público presente no estádio. Maior destaque foi dado à vitória do Flamengo sobre o clube profissional do Peñarol no Uruguai, tratada como uma demonstração do “alto valor” do amadorismo perante o novo regime⁸⁸.

Essas duas matérias servem de demonstração sobre como a imprensa amadorista passaria a tratar da LCF, ignorando o andamento do campeonato, não dando publicidade e apontando seus defeitos. No mesmo editorial “Praga do profissionalismo no *football* carioca”, o *Jornal do Brasil* exaltava as partidas entre os clubes amadores no campeonato da AMEA, que estava disputado paralelamente ao torneio da LCF.

O silêncio da imprensa amadorista diante da LCF buscava instituir a derrota do regime. A impressão que o *Jornal do Brasil* e o *Correio da Manhã* passavam ao leitor era de que os clubes profissionais deixaram de existir. Em contraponto a isso, o *Jornal dos Sports* indicava que o empreendimento desses clubes estava dando resultados, destacando o fato de o campeonato da LCF acontecer ao mesmo tempo em que eram realizados jogos de exibições entre combinados de jogadores profissionais cariocas contra paulistas, mostrando que o movimento pelo profissionalismo em São Paulo seguia os mesmos passos do Rio de Janeiro⁸⁹.

Restou à imprensa amadorista somente contestar o sucesso que os clubes profissionais proclamavam. Na coluna “O Momento Desportivo”⁹⁰ do final do mês de abril daquele ano, o *Jornal do Brasil* voltou a se apoiar em argumentos saudosistas para apontar os defeitos da nova empreitada. Referindo ao confronto entre os combinados profissionais de Rio de Janeiro e São Paulo, as críticas eram sobremaneira direcionadas à qualidade do jogo, visto como tecnicamente fraco, negando as novidades que o novo regime prometera: “Todos sabemos, de boa fé, que,

⁸⁶ A sensacional “revanche” pretos x brancos. *Jornal do Brasil* (RJ), 02/04/1933, p. 16.

⁸⁷ *Jornal dos Sports* (RJ). Edição 633. 02/04/1933, p. 1.

⁸⁸ *Jornal do Brasil* (RJ). Edição 80. 04/04/1933, p. 17.

⁸⁹ *Jornal dos Sports* (RJ). Edição 639. 09/04/1933, p. 1.

⁹⁰ O Momento Desportivo X. *Jornal do Brasil* (RJ). Edição 96. 23/04/1933, p. 28.

até agora, não podemos ter um elemento sincero e seguro de convicção para assegurar o *exito* que se proclama [...] Não se iludam os profissionais. A fantasia muito usada, fica fora de moda”⁹¹. Tratava-se de uma clara ironia por parte do periódico cobrando as novidades do regime, feita em tom de ameaça de perda dos espectadores enganados. Foi por meio dessas críticas que os “bons tempos” do amadorismo voltaram a ser lembrados, assim como a questão financeira dos clubes.

As críticas da imprensa partem da cobrança de resultados imediatos acerca do que os profissionalistas haviam prometido. Pelo menos no primeiro momento esses resultados não foram notados no curto período de transição de quatro meses. Um ponto sensível era a competição salarial. O Vasco, apesar de reforçar o seu time repatriando jogadores que estavam no futebol espanhol, perdeu Domingos da Guia, um dos maiores jogadores brasileiros da época para o futebol profissional do Uruguai, resultado do desenvolvimento do regime profissional naquele país que vigorava há quase dois anos. Uma entrevista de Flávio, jogador negro do Flamengo, dada ao *Jornal dos Sports* durante uma excursão no Uruguai, atestava o sucesso do regime na região do Prata:

Uma das razões apresentadas pelos que aqui se batiam contra o profissionalismo era de que na Argentina e no Uruguay o profissionalismo já se achava as portas da decadencia, com menos de dois annos de pratica.

Boatos. Jogo de scena. O profissionalismo platino está cada vez mais firme. [...]

[...] Flávio, o center-half do Flamengo é sincero. Elle não esconde sympathias pelo novo regimen.

Emquanto esperava as bagagens, disse ao “reporter”:

- Não adianta “tapear”. O profissionalismo, tanto no Uruguay como na Argentina já venceu e está dando resultados, a calcular pelas sommas dispendidas, sem esforço, para a aquisição de jogadores.

Um “crack” lá não tem preço.⁹²

O relato do jogador flamenguista comprova a expectativa de os clubes gerarem receitas a ponto de oferecerem salários cada vez maiores aos seus jogadores. Quanto aos jogadores, o desafio era se tornar um “crack”, isto é, um excelente jogador, para que fosse possível uma boa remuneração, de modo que a cor da pele ou status social não fosse determinante para se poder entrar em campo.

⁹¹ . O Momento Desportivo X. *Jornal do Brasil* (RJ). Edição 96. 23/04/1933, p. 28.

⁹² *Jornal dos Sports* (RJ). Edição 650. 22/03/1933, p. 6.

3.2 O QUE MUDOU COM O PROFISSIONALISMO?

Um dos defeitos do profissionalismo apontados pela imprensa amadorista merece destaque: a diferenciação dos atletas de sócios para empregados dos clubes, algo que tem relação direta com a questão financeira. Como foi dito no primeiro capítulo, os jogadores pretos e pardos eram associados aos clubes e empregados em empresas filiadas, sendo que muitos desses empregos eram somente de fachada, para que houvesse uma remuneração legal. Como sócios dos clubes, esses jogadores participavam das confraternizações e banquetes que aconteciam após os jogos, locais que reafirmavam o futebol como um campo de prestígio social, pois eram espaços de protagonismo para os atletas, ainda que somente durante suas curtas carreiras. Em uma matéria que tem como objetivo apontar as diferenças entre amadores e profissionais, o *Jornal do Brasil* descreve:

Chegou ontem pela manhã a turma de profissionais cariocas que foi a S. Paulo jogar com os profissionais de lá. Para isso embarcaram logo após o match, não tendo alguns tido sequer tempo para jantar. Era preciso não perder o trem para não pagar mais um dia de hotel, passeios e extraordinários. Toda a economia será pouca, porque as cousas apesar das reclamações não vão lá muito bem.

Tudo isso pode estar muito certo. Apenas notamos a grande diferença que entre profissional e amador e entre club de sport e casa de negocio.⁹³

A partir dessa matéria nota-se que com a profissionalização houve uma redução dos custos, e já que os pagamentos eram feitos diretamente aos atletas, não havia mais necessidade de os clubes de arcarem com custos adicionais, incluindo as tradicionais celebrações, ou diárias em hotéis. Isso também significou que os atletas deixaram de ser sócios dos clubes e passaram a ser empregados. Não havia como cravar o fim dessas confraternizações, nem que os atletas fossem excluídos dessas, somente que os clubes não seriam mais responsáveis pelas despesas deles nesses espaços, que era uma das formas de esconder os pagamentos aos atletas durante o “amadorismo marrom”.

Podemos pensar a separação entre sócio e empregado como uma nova representação das barreiras sociais dentro do esporte. No início do ano corrente, o diretor vascaíno Júlio Mallitz concedeu uma entrevista ao *Correio da Manhã*, questionando se o Fluminense iria permitir o acesso das suas dependências sociais aos atletas profissionais. A resposta foi assertiva:

⁹³ Amador e profissional, uma das diferenças. *Jornal do Brasil* (RJ). Edição 97. 25/04/1933, p.17.

“Poderão ser bem tratados ou acolhidos, porém, sempre serão taxados de profissionais do futebol⁹⁴”. A afirmação demonstra que, para Mallitz, a profissionalização não representaria uma equidade entre jogadores de diferentes camadas sociais, que de fato não ocorreu como foi visto na matéria do *Jornal do Brasil*.

Apesar da continuação da desigualdade fora de campo, o profissionalismo representou uma maior autonomia aos atletas negros no que diz respeito à tomada de decisões, representando um momento de grande conquista. Com a legalização dos salários, esse atletas poderiam praticar somente o futebol para obter fonte de renda, ter mais tempo para treinar, se aperfeiçoar, administrar o próprio dinheiro e passar a ter a opção de onde jogar, negociando o salário com os clubes. Passou a ser comum encontrar nos periódicos entrevistas de jogadores escolhendo se iriam se tornar profissionais ou não. A maioria deles estava disposta a trocar os clubes da AMEA pelos da LCF, tendo liberdade para analisar propostas de diferentes times. Vicentino foi um desses jogadores, disposto a trocar o Flamengo por um clube profissional: “Já que me fizeram profissional, quero *sel-o de facto!*”⁹⁵. O jogador de futebol não era mais refém dos empregos braçais em indústrias e comércios atrelados aos clubes, dos pagamentos “às escuras”, dando indícios de que assim como no Uruguai e na Argentina, o profissionalismo iria absorver o futebol amador⁹⁶.

Todos esses fatores abriam possibilidades para uma valorização do jogador negro como trabalhador. O futebol se tornava uma rara porta de entrada para que “uma camada social mais baixa nutrisse pretensões de ascensão, desmantelando a estrutura hierarquizada vigente no esporte”⁹⁷ e também na sociedade. Em razão do protagonismo proporcionado pelo futebol, as próprias entrevistas de jogadores negros, suas fotos estampadas nos jornais da cidade (Figuras 1 e 2), são exemplos disso – algo muito improvável de se pensar na virada do século.

⁹⁴ *Correio da Manhã* (RJ). Edição 11705. 31/01/1933, p. 8.

⁹⁵ *Jornal dos Sports* (RJ). Edição 654. 27/04/1933, p. 1.

⁹⁶ *Jornal dos Sports* (RJ). Edição 650. 22/03/1933, p. 1.

⁹⁷ GORDON JÚNIOR, César. História social dos negros no futebol brasileiro. p.86. História social dos negros no futebol brasileiro (primeiro tempo). *Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol da UERJ*, Rio de Janeiro, v. 2, p. 71-90, 1995.



Figura 1: O zagueiro Aragão, do Andaraí. *Jornal dos Sports* (RJ). Edição 606. 02/03/1933, p. 1.

Uma Incognita Indecifrável
A Situação De Domingos

O Famoso Zagueiro Declara Que Não Irá Para O Prata
 Uma Porção De Factos, Porém, Está Indicando O Contrario, Embora Elle
 Affirme Que De Lá Não Lhe Vem Garantias Sufficientes

EMANCIPANDO
O BASKET E O
ATHLETISMO

Uma Grande Ideia Dos
 Fundadores Da Liga
 De Profissionais

QUANDO alguns clubs da A. M. E. A. resolveram acabar com o regimen do falso amadorismo e fundar a Liga Carioca de futebol, tiveram um fracasso ruído. Tiveram uma grande decepção. A Liga Carioca de Foot-ball é uma realidade brilhante, apoiada resolutamente pelos clubs de São Paulo.

Alguns membros da A. M. E. A. estão colligando-se para preparar uma campanha de hostilidade contra os componentes da Liga Carioca. Se tal facto se der, teremos as reprotallas de um movimento de emancipação do Foot-ball, tendo ainda, uma Liga Carioca de Athletismo e outra de Basket-ball. Evidentemente seriam dois grupos tremendos desferidos contra a A. M. E. A. que, verdade seja dita, é uma instituição que tem um passado glorioso.

A Liga Carioca de Basket-ball sobretudo, contaria com a adhesão de varios clubs que não pertencem á A. M. E. A. e viria concorrer poderosamente, para o desenvolvimento.

Domingos

Figura 2: O zagueiro Domingos da Guia. *Jornal dos Sports* (RJ): Edição 595. 14/02/1933, p. 1.

Gordon Junior também destaca a valorização do próprio estilo de jogo do negro dentro de campo “que era percebido como estando diretamente ligado a elementos da cultura negra.

“O futebol não era mais dos ingleses. Era brasileiro, cheio de traços negros, mulatos, enfim, misturados”⁹⁸. Subentende-se que até mesmo o tratamento dado aos jogadores negros dentro de campo passa a melhorar com a maior ocupação dos espaços, sem precisar agir com cautela e “delicadeza”⁹⁹ em relação aos jogadores brancos como nas décadas anteriores. A ausência de notícias acerca da relação entre negros e brancos dentro de campo, tão abordada por Mário Filho, nos limita notar em que medida esse fenômeno ocorria.

3.3 A HERANÇA DO PROFISSIONALISMO: O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL E O NACIONALISMO

Com o profissionalismo, a participação de jogadores de elite passaria a diminuir em função do interesse deles pelo esporte, uma vez que a competitividade e a qualidade técnica dos jogadores se tornariam mais importantes que o lazer. Além disso, os atletas de elite tinham carreiras garantidas para seguir fora do esporte. Porém, mesmo representando uma maior democratização racial, o profissionalismo do futebol sozinho não era capaz de dar fim ao racismo.

Vimos no capítulo anterior como o chamado “racismo velado” foi importante para a reprodução do mito da democracia racial na imprensa, relativizando o impacto do uso de termos pejorativos que reforçavam a corrente pseudocientífica da época que alimentava a associação das pessoas e culturas negras a algo prejudicial à sociedade. Com a profissionalização, o mesmo mito vai se valer do crescente número de atletas negros no esporte, apontado como um reflexo da democracia racial brasileira, ignorando uma série de fatores que demonstravam que o racismo estava longe de ser extinguido.

A popularização do futebol fez com que o seu protagonismo fosse assumido por atletas negros. Criou-se a figura do herói, do símbolo da harmonização entre raças, pelo fato de o futebol ser popular entre todas as classes sociais. Se durante o processo de profissionalização, o racismo apresenta expectativas nítidas de branqueamento, do negro associado ao atraso e à desvantagem como algo natural/biológico, após a instauração do novo regime, ele se consolida na chave interpretativa de Gilberto Freyre e companhia, da miscigenação conciliadora, do mulato como triunfo da civilização. Um exemplo disso são os apelidos pelos quais jogadores

⁹⁸ GORDON JÚNIOR, César, op. cit., p. 87

⁹⁹ FILHO, Mário. op. cit., p 97.

negros eram chamados: “Fausto, a maravilha negra”¹⁰⁰ – esse já no fim da década de 1920 – “Leônidas, o diamante negro”¹⁰¹, e “Domingos da Guia, o herói do Estado Novo”¹⁰².

A aceitação desse pensamento não ocorreu devido a exclusividade de uma das partes, e sim pela atuação de fatores sociais e políticos em conjunto. George Reid Andrews afirma que a corrente freyriana é reflexo do desencanto dos brasileiros com a imigração e a europeização durante as décadas de 1920 e 1930¹⁰³, decorrentes da crise europeia após a 1ª Guerra Mundial, originando sentimentos xenófobos. Através do reconhecimento do mulato como fruto da brasilidade, Freyre constrói uma base nacional independente das normas europeias¹⁰⁴, legitimada por meio de um resgate das raízes históricas brasileiras durante o período colonial, para comprovar que a ideia de uma democracia racial sempre esteve presente no Brasil.

Com as promessas de ascensão social dos negros através do futebol, o preconceito de cor, ou racismo, parece dar lugar ao preconceito de classe, visto como algo responsável por moldar as desigualdades. Seguindo essa lógica, o indivíduo negro torna-se o principal culpado/responsável pelo seu fracasso. Isso alimentaria a crença de que um negro com status financeiro favorável – e no caso do futebol, socialmente favorável, em função da grande popularidade através de notícias, imagens e entrevistas dadas em jornais – passava a ter um tratamento diferenciado por parte da sociedade. Haveria, portanto, uma franca possibilidade de redenção.

A julgar pelo que se viu nas décadas seguintes, a popularização do futebol, apesar de proporcionar que negros ascendessem socialmente, não eliminou o racismo, dando a ele uma nova roupagem. Um sintoma disso aparece na ideia de que o negro que fazia sucesso no futebol “deixava de ser negro”, pois essa ascensão era creditada a esses atletas por eles deixarem para trás a forma de agir e viver como negro¹⁰⁵, justamente por frequentar espaços ditos brancos. Esse novo ideário foi uma derivação do racismo científico e das teorias de branqueamento,

¹⁰⁰ *Jornal dos Sports* (RJ). Edição 29. 17/04/1931, p. 2.

¹⁰¹ *Jornal dos Sports* (RJ). Edição 2561. 05/01/1938, p. 2

¹⁰² PEREIRA, L. A. M. Domingos do Brasil: futebol, raça e nacionalidade na trajetória de um herói do Estado Novo. *Locus* (Juiz de Fora), v. 13, p. 193-213, 2007.

¹⁰³ ANDREWS, George R. Democracia racial brasileira 1900-1990: um contraponto americano. p.98. *Revista Estudos Avançados* 11 (30), USP, São Paulo, 1997.

¹⁰⁴ *Ibid.*, p. 99

¹⁰⁵ GORDON JUNIOR, Cesar. Eu já fui negro e sei bem o que é isso. p. 68. Eu já fui negro e sei bem o que é isso: história social dos negros no futebol brasileiro (segundo tempo). *Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol da UERJ*, Rio de Janeiro, v. 3/4, p. 65-78, 1996.

ressignificando o pensamento de inferioridade do negro perante o branco, em que a aceitação desse discurso acabava sendo feita também pela própria população negra.

César Gordon Junior explica a atuação do racismo utilizando como exemplo o jogador negro Róbson, do Fluminense, descrita na obra de Mário Filho. Apesar de o episódio se passar na década de 1940, ilustra como esse discurso era comprado por parte da população negra. Conforme foi narrado, Benício Ferreira Filho levava Róbson e outro jogador chamado Orlando de carro para o clube, quando um casal de negros, talvez bêbados, atravessaram a rua fazendo com que Ferreira Filho freasse bruscamente o carro e Orlando batesse sua testa no para-brisa e gritasse para o casal: “Seus pretos sujos, imundos!”. Robson ao tentar acalmá-lo disse: “Não faz Orlando, eu já fui preto e sei bem o que é isso”¹⁰⁶. Apesar de não podermos comprovar a exatidão do episódio - devido a toda discussão já apresentada sobre a obra de Mário Filho -, o relato aponta sobre como se pensava a presença do ideário racista agindo também entre a população negra. Algo que faria com que Robson, ao não frequentar lugares com pessoas negras, chegasse ao ponto de deixar de se sentir como um. Isso, por certo, sugeria, na contramão do mito da democracia racial, que ainda existia a noção de desigualdade entre raças, e como ainda havia uma disparidade enorme quando comparamos espaços frequentados por brancos e negros.

O exemplo de Róbson reforça o *modus operandi* do mito da democracia racial, que ampliado pelo paralelo feito por Lélia Gonzalez – salvo as devidas proporções - a respeito do protagonismo da mulher negra no carnaval, em que somente naquele período a sua figura é exaltada, se tornando desejada pelo seu corpo quando ela assume o papel de rainha da bateria¹⁰⁷. Apesar de o exemplo da autora retratar muito mais a violência simbólica contra o corpo da mulher negra durante o carnaval, ela nos mostra como as atenções se voltam ao negro enquanto um personagem, aos seus feitos em um determinado episódio, e não ao reconhecimento de sua pessoa, ou de sua raça. No caso do futebol, a atenção dada aos jogadores negros fica restrita as suas ações dentro de campo. A valorização é dada às suas habilidades, seu porte físico, e não a pessoa, destacada somente em breves entrevistas em jornais. O exemplo dos apelidos dados a Fausto e Leônidas cabem aqui novamente, onde a pele escura dos jogadores é associada a suas habilidades nos gramados, ou seja, uma objetificação do corpo negro.

¹⁰⁶ FILHO, Mário. p. 359 apud GORDON JUNIOR, Cesar. Ibid., p. 69.

¹⁰⁷ Gonzalez. Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. p.228. In: *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223-244.

O comportamento do jogador de futebol negro diante de sua ascensão social é um ponto a ser discutido, uma vez que não surge uma grande mobilização acerca do racismo sofrido por parte deles, como foi visto no caso de Róbson e também nas entrevistas dos periódicos analisados nessa pesquisa, onde não foi encontrada uma contestação explícita do preconceito como algo determinante no processo de profissionalização.

Tiago de Melo Gomes entende que o mito da democracia racial foi visto pelos negros como uma política possível para se defenderem da discriminação¹⁰⁸, isto é, havia uma percepção do racismo institucionalizado, mas em razão da mudança de tratamento dado aos atletas negros, associada à ideia trazida pela diferença das relações interracialis entre Brasil e Estados Unidos, não havia necessidade de um jogador negro expressar o racismo que sofria naquela sociedade, pelo menos naquele momento. Não por acaso, foi possível encontrar depoimentos acerca do assunto quando esses jogadores estavam aposentados, como na entrevista de Domingos da Guia apresentada no primeiro capítulo.¹⁰⁹

Portanto, o contexto histórico fez a diferença. Gomes apresenta como exemplo a peça teatral *Tudo Preto*, realizada pela Companhia Negra de Revistas em 1927, com o intuito de “debater intensamente os temas mais caros a respeito da identidade nacional naquele momento”¹¹⁰, reafirmando valores de dominação branca, domesticação negra e a pacificidade entre raças como sinais de brasilidade, porém tinha como novidade o protagonismo de personagens negros, fator bem aceito pela imprensa negra¹¹¹. O caso do futebol após a profissionalização é parecido por carregar os mesmos elementos. Um entretenimento popular entre a elite e as classes mais baixas, mas que agora contava com o protagonismo do negro, que passou a ser entendido como um elemento apaziguador entre raças, apropriado pelas correntes ideológicas da época por meio da adoção do estilo de jogo do negro como pertencente à brasilidade mestiça.

É nesse novo contexto que surgem as figuras dos primeiros ídolos nacionais negros, como foi o caso de Leônidas da Silva e Domingos da Guia, consolidados depois de suas participações defendendo a seleção nacional durante a década de 1930. Nesse quesito, a participação da imprensa foi importante para a propagação dessa ideia, exaltando os feitos

¹⁰⁸ GOMES, T. M. op. cit., p. 39

¹⁰⁹ A série documental “*Negro no futebol brasileiro*”, dirigida por Gustavo Acioli, produção HBO Latin America, também serve para observarmos a memória de jogadores aposentados da primeira metade do século XX, como Zizinho por exemplo.

¹¹⁰ GOMES, T. M. op. cit., p. 39.

¹¹¹ GOMES, T. M. op. cit., p. 41.

futebolísticos e contribuindo ainda mais com a popularização do esporte, a ponto de o próprio governo Vargas financiar a seleção brasileira na Copa do Mundo de 1938, mostrando como o futebol se associou com a política da época, através dos reflexos das correntes ideológicas que valorizavam a mestiçagem apaziguadora como uma característica da nacionalidade brasileira¹¹².

Dessa forma, é perceptível como a questão racial foi um fator determinante durante todo o processo de profissionalização, assim como depois de sua consolidação. Assistiu-se a um primeiro momento marcado pela resistência das elites para evitar a perda de espaço para jogadores negros e não negros de baixa renda, mascarando o racismo por meio de diferentes discursos, através do pensamento racista pseudocientífico. Num segundo momento, a vitória do profissionalismo representou a promessa de emancipação racial, pela via de uma valorização maior do jogador negro através da sua autonomia nas tomadas de decisões sobre seus destinos, deixando de estar preso a obstáculos como os empregos de fachada. Além disso, havia o aumento de sua popularidade em um espaço que antes era dominado pelas elites brancas.

Apesar de representar uma conquista, o profissionalismo não foi capaz de impedir com que o racismo continuasse atuando, onde novamente correntes ideológicas influenciaram diretamente o esporte, dessa vez pela associação do negro no futebol à ideia de pacificidade entre raças, reforçando o mito da democracia racial vendido pelas elites brasileiras. Parafraseando Cesar Gordon Junior, o processo de integração do negro no futebol não se deu contra o racismo, mas dentro dele¹¹³. Entendemos, assim, que as próprias motivações do profissionalismo e até mesmo o processo de popularização do esporte foram atravessadas por questões raciais, o que não elimina a importância do futebol como elemento emancipador, mas que nos ajuda a entender como o racismo vigora nesse meio até os dias de hoje.

¹¹² PEREIRA, L. A. M. op. cit., p. 195.

¹¹³ GORDON JÚNIOR, César. História social dos negros no futebol brasileiro (primeiro tempo). p. 75. *Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol da UERJ*, Rio de Janeiro, v. 2, p. 71-90, 1995.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o fenômeno de popularização até o processo de profissionalização do futebol, a elite se apoiou em ideais racistas para impedir a emancipação do negro no esporte, porém sem pleno sucesso. Como foi dito no capítulo anterior, o racismo não acabou com a consolidação do profissionalismo, por isso a relação entre racismo e futebol perdura até hoje, provando ser um espaço que reflete os mesmos problemas raciais pelos quais a sociedade brasileira passa.

Através do mito da democracia racial, a elite utilizou artifícios para naturalizar e institucionalizar o racismo existente no Brasil. No caso do futebol, vimos que ela se apoiou no regime do amadorismo como forma de exclusão dos negros do esporte. Nesse sentido, à medida que a popularização do esporte chegava à grande liga da capital, a mesma elite contava com o apoio de parte da imprensa para instituir novos discursos para impedir a emancipação dessa população. Essa prática do chamado racismo velado valia-se de argumentos como a incapacidade financeira, seguido do saudosismo, mascarando suas reais motivações por meio de valores e costumes, segregando atletas em função de suas condições financeiras.

Todo o contexto social e econômico analisado por meio de trabalhos acadêmicos¹¹⁴ nos mostrou o quão falho eram os argumentos amadoristas, e não por acaso o profissionalismo foi instaurado em 1933. Os desdobramentos do novo regime expressaram a nova roupagem com a qual o racismo passou a atuar, este sim consolidando os ideais freyrianos, do mulato como o triunfo da civilização brasileira. O racismo naturalizado de Gilberto Freyre é um dos fatores que impedem o combate ao racismo dentro e fora do futebol, uma vez que a convivência em um mesmo espaço – no caso do futebol, o campo – por negros e brancos é utilizado como argumento para negar o racismo, onde parte da população negra comprou a ideia desse discurso, fruto da comparação entre casos de racismo existentes no Brasil e nos EUA¹¹⁵. É nesse contexto

¹¹⁴ Cf. MALAIA, João Manuel. *Revolução Vascaína (1915 - 1934): a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses no Rio de Janeiro do início do século XX*. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010; PEREIRA, L. A. M. Pelos campos da nação: Um goal-keeper nos primeiros anos do futebol brasileiro. *Revista de Estudos Históricos*, v. 10, n.19, p. 23-40, 1997; GORDON JÚNIOR, César. História social dos negros no futebol brasileiro (primeiro tempo). *Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol da UERJ*, Rio de Janeiro, v. 2, p. 71-90, 1995.

¹¹⁵ MELO, T. M. Afro-brasileiros e a construção da ideia de democracia racial nos anos 1920. p. 39. *Linhas (UDESC)*, v. 8, p. 36-53, 2007.

que a pesquisa é encerrada, mas ainda sim chamando a atenção para a necessidade de continuar estudando o futebol como palco dessas relações raciais, pois nos anos seguintes, serão criados heróis e vilões negros sob essa suposta ideia de harmonização racial.

Casos de racismo no futebol existentes até hoje corroboram para que o assunto não deixe de ser estudado, passando por Barbosa, goleiro negro, declarado como único culpado pela derrota da seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1950, até casos mais recentes, como no caso do ex-árbitro negro Márcio Chagas, que relatou em entrevista os casos de racismo que sofreu em sua carreira no Rio Grande do Sul, passando de injúrias raciais a atos de vandalismo, como no episódio em que teve seu carro coberto por cascas de banana¹¹⁶. Vale ressaltar que esses casos não ocorrem somente em território brasileiro. Na Europa jogadores negros, muitos deles brasileiros, são alvo de insultos racistas por parte de torcedores e dirigentes, como ocorreu com o brasileiro Taison¹¹⁷, na Ucrânia, e com o italiano Mario Balotelli¹¹⁸, em seu próprio país. Tais casos abrem margem para analisarmos o racismo fora do Brasil e sua relação com o sentimento de xenofobia. Hoje, o crescimento fulminante do futebol, junto as mídias de informação, permitem que esses casos tenham mais repercussão e sejam combatidos diretamente. Ainda assim, é impossível pensar que esses não voltem a se repetir, justamente pela forma como o racismo está enraizado na sociedade brasileira.

Mesmo com os entraves do racismo, o futebol continua sendo até hoje um elemento emancipador para a população negra, um espaço que sempre vai resistir a tentativas de marginalização por parte da elite. Hoje, com o crescimento do esporte como negócio, com a criação de milhares novos clubes, associados ao desenvolvimento financeiro deles, temos um número cada vez maior de jogadores negros em ascensão. Essa pesquisa serve como um chamado para que historiadores se atentem ao futebol e aos demais espaços da sociedade em que podemos nos debruçar sobre a questão racial no Brasil.

¹¹⁶ Ex-árbitro gaúcho faz longo relato sobre sofrimento constante com o racismo. Disponível on-line em : <https://www.lance.com.br/futebol-nacional/arbitro-gaucha-faz-longo-relato-sobre-sofrimento-constante-com-racismo.html>.

¹¹⁷ Taison e Dentinho sofrem ofensas racistas em jogo do Shakhtar e se revoltam; ex-Inter acaba expulso. Disponível on-line em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/brasileiros-sofrem-ofensas-racistas-em-jogo-do-shakhtar-taison-responde-com-gesto-e-expulso-e-chora.ghtml>

¹¹⁸ Presidente do Brescia usa frase racista ao falar de Balotelli: "É negro, está trabalhando para clarear". Disponível on-line em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-italiano/noticia/presidente-do-brescia-usa-frase-racista-ao-falar-de-balotelli-e-negro-esta-trabalhando-para-clarear.ghtml>

FONTES

FONTES IMPRESSAS

Jornais¹¹⁹

Jornal do Brasil (RJ)

Correio da Manhã (RJ)

Jornal dos Sports (RJ)

A Classe Operária (RJ)

OBRAS LITERÁRIAS

FILHO, Mário. *O negro no foot-ball brasileiro*. Irmãos Pongetti Editores. Rio de Janeiro, 1947.

LEGISLAÇÃO, PROJETOS E DEBATES PARLAMENTARES

BRASIL, *Código Penal dos Estados Unidos do Brazil*. Rio de Janeiro, 1890.

DOCUMENTÁRIO

O negro no futebol brasileiro [Seriado]. Direção: Gustavo Acioli, Produção: HBO Latin America.

¹¹⁹ Exceto os títulos acrescidos de informação complementar, a consulta aos jornais foi feita na Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: hemerotecadigital.bn.br/.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGASSIZ, Luis; AGASSIZ, Elizabeth C.. *Viagem ao Brasil (1865-1866)*. Coleção o Brasil Visto pelos Estrangeiros. Senado Federal, 2000.

ANDREWS, George R. Democracia racial brasileira 1900-1990: um contraponto americano. *Revista Estudos Avançados 11* (30), USP, São Paulo, 1997.

ARAGÃO, Isabela M. Caminhos da popularização do futebol nas ruas do Rio de Janeiro: um caso de polícia. (1910-1920). In: *Seminário Internacional Copa América 2019: Esportes, mídia, identidades locais e globais*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Laboratório de Estudos em Mídias e Esportes, 2019. p. 1-16.

BENCHIMOL, Jaime Larry. Reforma urbana e a revolta da Vacina na cidade do Rio de Janeiro. In: Jorge Ferreira; Lucilia de Almeida Neves. (Org.). *Brasil republicano. Economia e sociedade, poder e política, cultura e representações*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003, vol. 1, p. 231-286.

CABO, Alvaro do; HELAL, Ronaldo. Futebol e Identidade Nacional: imprensa uruguaia e realização do Mundial de 1930. In: José Carlos Marques, Jefferson Oliveira Goulart. (Org.). *Futebol, Comunicação e Cultura*. 1ed. São Paulo: Intercom, 2012, v. 1, p. 167-194.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DOMINGUES, Petrônio. O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil (1889-1930). *Dialogos Latinoamericanos*, Dinamarca, v. 10, n.10, p. 117-132, 2005.

GOMES, T. M. *Problemas no paraíso: a democracia racial brasileira frente à imigração afro-americana (1921)*. Estudos Afro-Asiáticos, Rio de Janeiro, v. 25, n.02, p. 307-331, 2003.

_____. Afro-brasileiros e a construção da ideia de democracia racial nos anos 1920. *Linhas* (UDESC), v. 8, p. 36-53, 2007.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223-244.

GORDON JÚNIOR, César. *História social dos negros no futebol brasileiro (primeiro tempo)*. Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol da UERJ, Rio de Janeiro, v. 2, p. 71-90, 1995.

_____. Eu já fui negro e sei bem o que é isso: história social dos negros no futebol brasileiro (segundo tempo). *Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol da UERJ*, Rio de Janeiro, v. 3/4, p. 65-78, 1996.

HELAL, Ronaldo. GORDON JUNIOR, C. Sociologia, História e Romance Na Construção da Identidade Nacional Através do Futebol. *Estudos Históricos* (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 13, n.23, p. 147-164, 1999.

LEITE LOPES, J. S.; FAGUER, J. P. Considerações em torno das transformações do profissionalismo no futebol a partir da observação da Copa de 1998. *Estudos Históricos* (Rio de Janeiro), FGV-RJ, v. 13, p. 175-191, 1999.

MALAIÁ, João Manuel. *Revolução Vascaína (1915 - 1934): a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses no Rio de Janeiro do início do século XX*. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

MARTINS, G.M.C. O uso da literatura como fonte histórica e a relação entre literatura e história. In: *VII Congresso Internacional de História, XXXV Encuentro de Geohistoria Regional e XX Semana de História*. Maringá, 2015.

MONSMA, Karl. Linchamentos raciais no pós-abolição: uma análise de alguns casos excepcionais do oeste paulista. In: Flávio Gomes; Petrônio Domingues. (Org.). *Políticas da raça: Experiências e legados da abolição e da pós-emancipação no Brasil*. 1ed. São Paulo: Editora Selo Negro, 2014, p. 195-210.

NASCIMENTO, Abdias do. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Editora Paz e Terra S/A, Rio de Janeiro, 1978.

PEREIRA, L. A. M. Pelos campos da nação: Um goal-keeper nos primeiros anos do futebol brasileiro. *Revista de Estudos Históricos*, v. 10, n.19, p. 23-40, 1997.

_____. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Biblioteca Central Unicamp. Campinas, 1998.

_____. Domingos do Brasil: futebol, raça e nacionalidade na trajetória de um herói do Estado Novo. *Locus* (Juiz de Fora), v. 13, p. 193-213, 2007.

RESENDE, M. E. L. . O processo político na Primeira República e o Liberalismo Oligárquico. In: NEVES, L. A.; FERREIRA, J.. (Org.). *O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente*. Belo Horizonte: Civilização Brasileira, 2003, v. V.1, p. 89-120.

SKIDMORE, Thomas E. Fato e Mito: descobrindo um problema racial no Brasil. In: *Caderno de Pesquisa* n. 79, p. 5-16, São Paulo, 1991.

SOARES, A.J. O racismo no futebol do Rio de Janeiro nos anos 20: uma história de identidade. *Revista Paulista Educação Física*, 13(1), p.119-129, São Paulo, 1999.

VENTURA, Roberto. Um Brasil mestiço: raça e cultura na passagem da monarquia à república. In: Carlos Guilherme Mota. (Org.). *Viagem incompleta: A experiência brasileira (1500-2000)*. São Paulo: Senac, 2000, v. 1, p. 329-359.